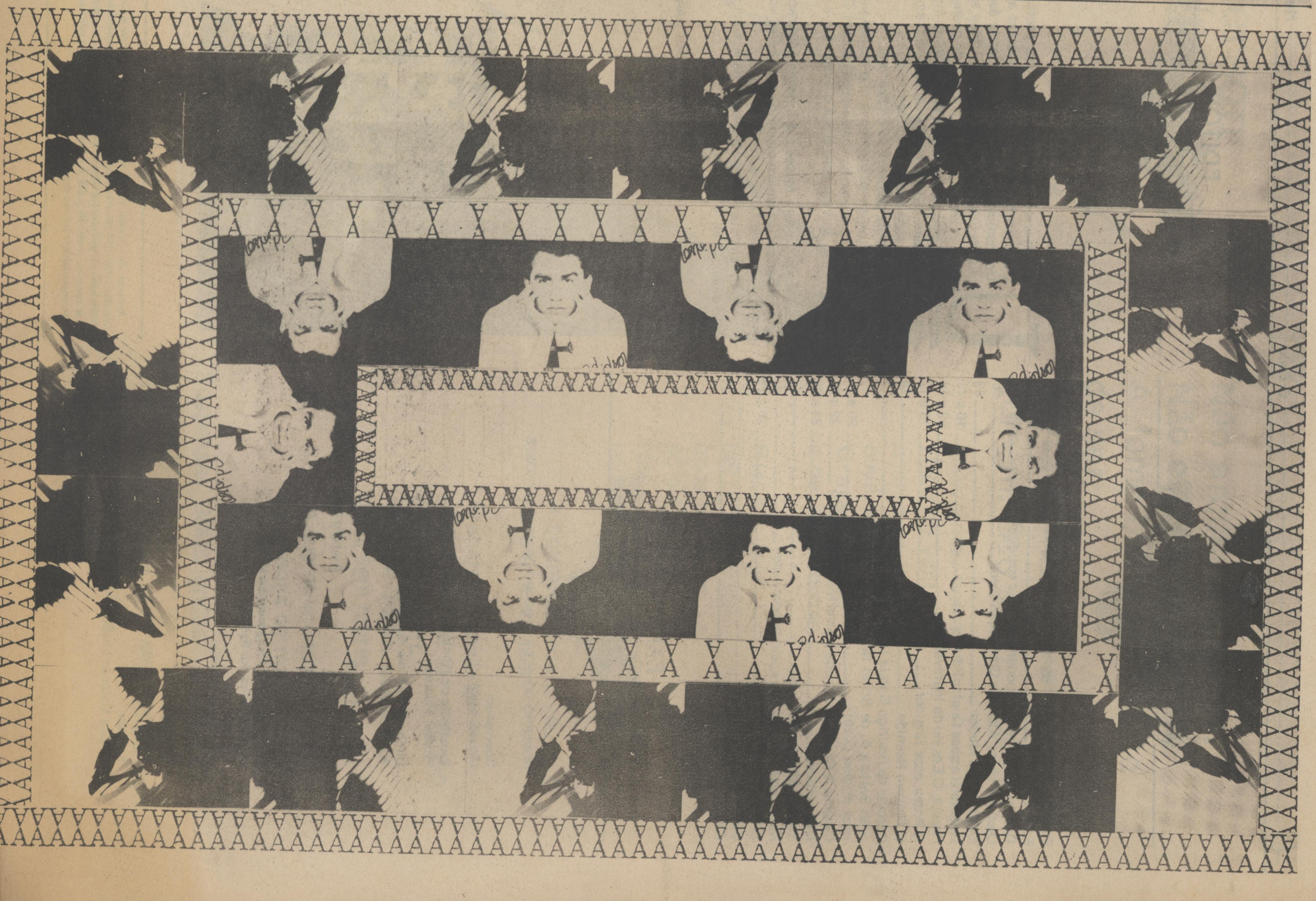
Ano - III - Nºs 27/28
Natal, Maio/Junho . 1990
Distribuição Gratuita

O GALO

Jornal Cultural
Fundação José Augusto
Cia. Editora do Rio Grande do Norte



SUMÁRIO

Poemas de Sanderson Negreiros 03
Fábula Fábula ..... 04 a 05
Dorian Jorge Freire, o poder de viver o cotidiano ..... 06 a 07
Quatro Poetas Alemães Contemporâneos 08
Os Olhos do Mundo 09
Ungaretti e suas Quatro Pátrias ..... 10 a 11
Poesia, O Ensaio do Inefável ..... 12 a 14
O Poeta, esse fingidor ..... 15 a 17
O Homem Reunido 18
Poemas de Rodrigo Garcia Lopes 19
João Batista B. de Britto (leitura e poesia num mesmo gozo) ..... 20 a 21
Cinema X Quadrinhos, uma eterna história de amor ..... 22 a 25
Humanóides ..... 24 a 25
Teatro Alberto Maranhão 26
Mais que literatura, um apelo ao bom senso 27
O Galo Conta ..... 28 a 29
Caderno do Vento 30
Cartas 31

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Governador
Geraldo Melo

Presidente da Fundação José Augusto
Woden Madruga

Diretor-Presidente da Cia. Editora do RN
Walter Medeiros

JORNAL O GALO

Editora
Marize Castro

Diagramação e Programação Visual
Gilberto Alves dos Santos

Assessoria especial
J. Medeiros

Redator
Anchieta Fernandes

Revisão
Brígida Mafra de Macêdo

EDITORIAL

Um editorial para falar de Cazuza, poeta de uma geração. Guerreiro da vida ao redor do fogo. Um ariano exagerado. Um homem delicado. Mesmo quando áspero. E neste mundo quem não é "normal" só resta ser.

Viver à margem é coisa de quem briga com os deuses e é por eles protegido da coerência do mundo, de quem está sempre pronto para partir e teima em ficar em nome da imensa quantidade de vida que carrega dentro de si.

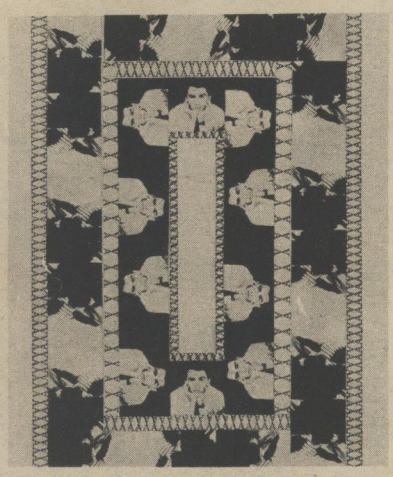
Necessidade de dizer só o essencial.

Cazuza tornou-se grandioso não porque partiu, mas porque teimou em ficar próximo da poesia e dos homens. Qualquer pássaro que voar torto ao voar reto trará o exagero e a densidade desse poeta.

Ficam o nosso respeito e a nossa admiração pela luta travada por ele e o nosso orgulho pelos belos versos que vieram de tanto prazer e tanta dor.

Não lamentemos as cobaias de deus. Elas são o lado nobre deste mundo mal.

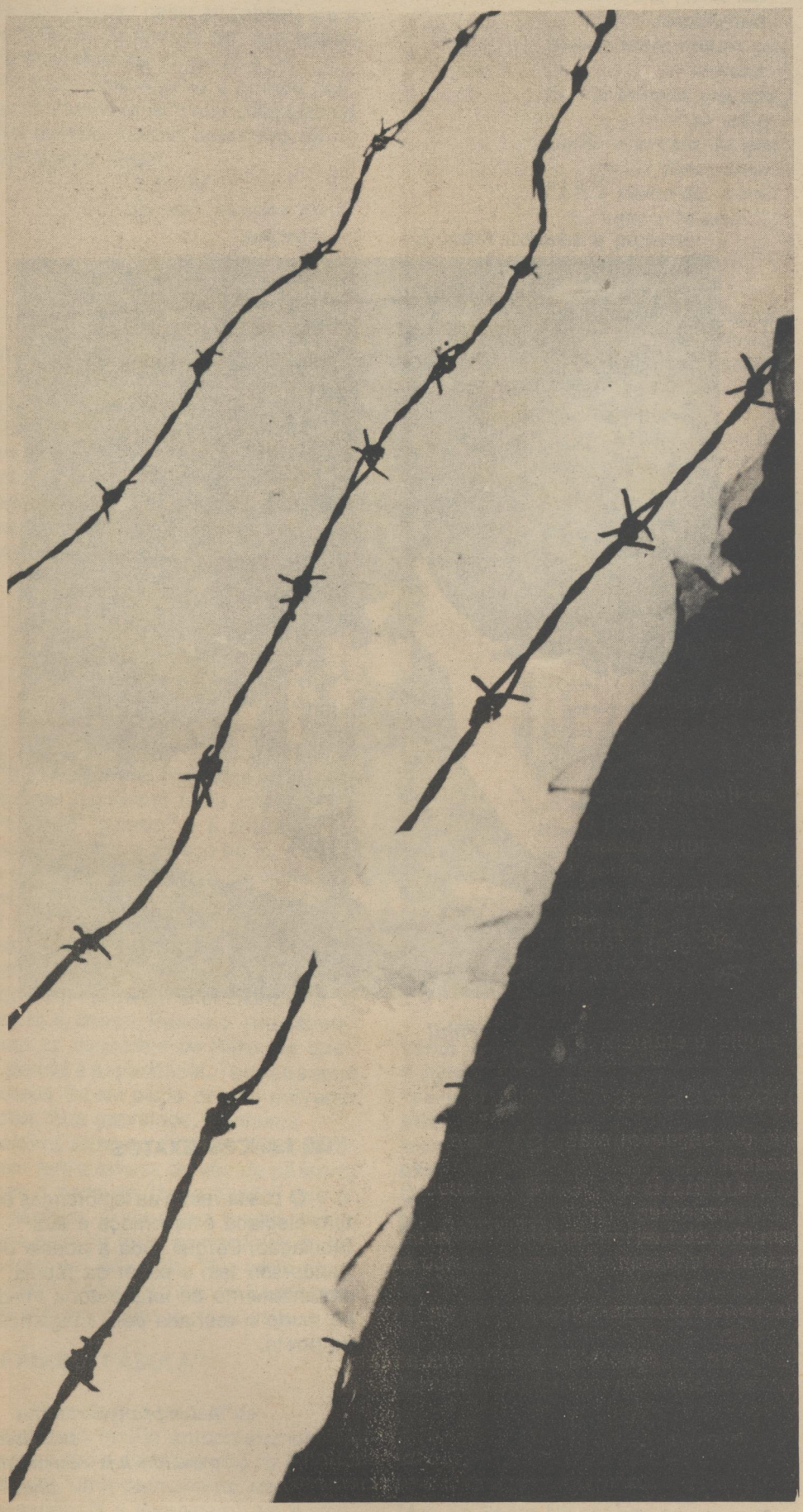
Marize Castro



Capa: Belidson (RN)

Redação: Rua Jundiaí, 641 — Tirol — Natal — Rio Grande do Norte — CEP 59.020 — Tel.: (084) 221-2936. **A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal. A editoria de O Galo também se reserva o direito de publicar ou não colaborações não solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução.**

Sanderson Negreiros



Alípio Raposo

Sanderson Negreiros (RN), poeta, autor dos livros **O Ritmo da Busca, Os Lances Exatos e Fábula Fábula.**

Não arquitetes o som.
Não estrutures o nada.
A fome basta ao hábito
de ser.
Basta ao homem o nome de
homem. Seu sono. Sua dor.

Grava meu nome
risco do vento
pranto do lento
deus do tempo.
Grava e apaga
o nervo do nome.

Risca a vogal
perfil do tempo
onde me cabe
só estar só.
Nada desenhes
no sábio pó.

A colina desloca o céu
para o outro lado.

Trabalho o topázio
onde o mar se faz abstrato
e a onda, fácil.
Escolho o pão; o ázimo
puro, sem morte,
devolvo
ao que no mundo
é presença de mar.

Suspensas, essas ondas
frutificam.
Um pescador joga sua rede no espaço
e colhe peixes intactos.

FÁBULA FÁBULA

Dorian Gray Caldas

Alípio Raposo

"O RITMO DA BUSCA"

Fábula Fábula reúne os cinco livros do poeta Sanderson Negreiros. Dele já se disse ser um dos mais lúcidos poetas de sua geração. E mais dizemos, ser um dos exercícios poéticos mais coerentes que conhecemos no universo da poesia do Rio Grande do Norte.

Da primeira fase mística dos anos cinqüenta (1956), o poeta em ritmo de busca (O Ritmo da Busca é o nome do seu primeiro livro), aponta continentes de poesia e aporta muitas vezes em ilhas seguras e serenas.

"Da eternidade esplende o cais
para a partida
sem cor
das naus".

Como no "Barco livre" "descendo os rios impassíveis" o poeta viaja na aventura da poesia. Viaja no barco de sua interioridade. Não se perde na viagem:

"A tempestade vincava
de lendas e naufrágios
quem, de silhueta
azul
sonhava".

Estas seriam as suas "iluminações", chama de sua intimidade, sentimento que o aproxima de Rimbaud pelo clima de fuga no "desejo de viagens impossíveis", leitura permanente dos poetas malditos que tocaram a sua sensibilidade mas não corromperam a sua alma. Ledor dos clássicos, Sanderson sabe muito bem que a poesia é um fio elegíaco, mágico, intemporal que transcende estilos e épocas, eterna. Nesta fase tudo lhe serve de alimento espiritual, lhe norteia o "ritmo" contínuo e apaixonante pela descoberta da "vida" e da poesia. Do sentimento místico faz o diálogo constante das conversações superiores, mas a sua percepção sabe que as alturas não lhe vêm só do bem fundamentado conhecimento dos livros. Lê São Francisco, Léon Bloy e Chesterton: Lê Rimbaud, Mallarmé, Baudelaire. Os malditos e os chamados santos, os existencialistas e os surrealistas. Sanderson prepara-se para a grande aventura da conquista definitiva de sua linguagem na poesia e na prosa. Da bem fundamentada contemplação espiritual, permite-se dizer:

"Senhor, continuo me
alimentando
de alguma coisa inválida
e transviada no cerne da
Poesia".

Dúvidas do adolescente ex-seminarista que da oração passou à poesia "profana" e não sabe ainda que todas as duas têm o poder de redimir o homem. Este é o seu ofício, agora, o de "soltar semente (de poesia) de fecundação no tempo". Esta seria agora a sua luta com anjos e demônios para chegar a Deus. É neste clima poético no qual cabem todas as perguntas que se ampliam as suas perplexidades. Está diante de outros horizontes e de outros espaços. "O espaço não é uma realidade em si, mas sim, um ente subjetivo e ideal", diz Newton. Este é também, o estado "ideal" de sua poesia. Sanderson diz ter "limites, limitações":

"Ao norte, limito-me por
arquipélagos.
Ao sul, fica a extensão
invariável da
minhalma".

e ainda: "os limites têm por forma o horizonte". Só a forma porque a alma do poeta viaja o horizonte e está sempre muito além da navegação. Está a sua sensibilidade refugiada na "sombra do mar". E estaria sempre em busca de infinitude. Assim o poeta continua o seu "avanço útil". Ainda nos padrões da geração Pós-45, da qual nos fala o crítico Paulo de Tarso. Em alguns poemas Sanderson usa a temática formal dos poetas dessa geração, de que é exemplo o seu poema "O pássaro do sonho", e diz:

"Lembra-se ave inútil
ou fruto lúcido".

e mais adiante no mesmo poema:

"O bico corrói
a vestimenta
que o conduz:
está nu".

O poeta permanece aberto aos ventos gerais da poesia. Sem todavia se influenciar faz poesias para Manuel Bandeira, Deolindo Tavares, Jorge de Lima, Rimbaud. Cria a expressão Rimbaudiei-te em pura homenagem ao poeta. Canta uma canção para Jorge de Lima:

"Jorge menino, criança,
vizinho do meu
entardecer".

e diz haver "espera e silêncio", referindo-se a poesia de Deolindo Tavares. O último poema do livro é também uma homenagem e foi escrito ao meu pedido para um livro sobre o Beco da Quarentena, que nunca chegou a ser publicado. Diz no último verso:

"Então, o beco não mais
termina em aspereza.
Amanhece puro, como
de surpresas".

"OS LANCES EXATOS"

O poeta recria as lembranças em tom elegíaco e recomeça a sua fabulação. Porque toda a poesia de Sanderson tem o poder da fábula, o encantamento de uma estória vivida há muito e recriada pela imagística do poeta.

"A lembrança retorna
submissa,
transida nas résteas do
chão".

E ainda:

"A casa repousa em
clarões e o silêncio das
retinas é favorecido pela
cal".

É preciso que se diga que o poeta nesta fase de sua poesia, havia incorporado à sua sensibilidade, a visão plástica, o exercício da pintura (o que poucas pessoas sabem) e esta influência da pintura em sua poesia (principalmente da pintura de Picasso) emprestaria a muitos dos seus versos uma maior plasticidade, um sentido mesmo descritivo de apreensão visual.

"À tarde,
do mais humano da
calçada,
víamos mulheres com
cântaros à cabeça.
A rodilha pairava na asa
do tempo".

Imagem visual na dualidade emocional do poeta. Esta mulher bíblica, antiquíssima, que poderíamos encontrar num Salmo de David, ou no Eclesiastes, faz parte da poesia intemporal de Sanderson. Ele universalisa a presença da mulher sertaneja. As emoções confiadas ao poeta são "segredos, falíveis".

"O que me marcou, na
despedida,
foi a certeza de não
voltar,
ou, voltando, guardar
coisas
a mim confiadas, de
improviso".

Estas as forças obscuras da terra, à qual Sanderson volta sempre, e voltando "guarda" e a recria em poesia. O pai, a mãe, o pátio, a casa, a geografia, os nomes, os epitáfios, os bois, as herdades, tudo é fábula, é memória elegíaca, força, profundidade. Jamais o acidental, o episódico, o improviso, mesmo na linha tão bem resolvida Drummondiana. O poeta é denso. Recria a sua fábula com os conselhos de Rilke, de que a poesia é experiência. Todos os seus versos fazem parte do seu universo total. Sua gravidade. Nenhuma palavra torna-se fácil de pronunciar nem tem a leveza de vôo de pássaro, mas o peso do "fruto lúcido" que é o pássaro. Toda a sua poesia tem este peso de fruto, gestação de fruto, madureza. Rilke diz: "Eu creio em noites". Podemos dizer de Sanderson: ele crê em noites e na poesia.

"FÁBULA FÁBULA"

Considero a poesia de Sanderson (muito apropriadamente reunida sob a denominação de Fábula Fábula), uma permanente recriação (experiência e linguagem) em busca de uma totalidade poética. A ele não basta a bem realizada exteriorização da palavra estilo Cabraliano. A palavra precisa conter densidades quase proféticas. A palavra possui uma intemporalidade. Nisto reside a sua poesia. Difícil, muitas vezes, mística. Daí, em "Fábula" Sanderson nos transmite a possibilidade mágica que é princípio e fundamento da poesia. Nestes seus poemas sopra um vento de eternidade.

"Senhor, três horas da
madrugada
bate o vento contra os
cristais.
Sei da tristeza que fere
as mãos.
Colho a estrela do que
fôra sonho.
Flores nascerão sobre
quem se ama?"

O poeta trabalha a palavra:

"Trabalho o topázio
onde o mar se faz abstrato".

Recria o mar e a colina, uma flauta desenha-se na lembrança, "o silêncio cai ao canto de uma sala", a palavra fez parte do seu mundo surreal. Da sua interioridade. Mas o seu surrealismo é todo construído com os símbolos de sua memória, a partir de sua infância. Todas as suas imagens têm a cor e a sombra das suas raízes nordestinas. De sua vivência, de sua inteireza de poeta e de homem.

"Grava meu nome
risco do vento
pranto do lento
deus do tempo.
Grava e apaga
o nervo do nome.
Risca a vogal
perfil do tempo
onde não cabe
só estar só.
Nada desenhes
no sábio pó.

O mais denso dos poemas de Sanderson no conjunto dos poemas da parte referente a Fábula Fábula.

"POEMAS RUPESTRES"

Nestes poemas onde "sopra um vento de memória", caminha seguro o poeta. Chão de sua infância, "paisagem de tempo", mais paisagem interior, vivida na moldura antiga e recolocada no espaço ontem, com os olhos e o sentimento do poeta adulto. Oferta invisível de ternura, bens de herança inumeráveis este material inigualável do qual são feitas as criaturas e os sentimentos. Desta substância se alimentam os "poemas rupestres", águas da memória molhando as roças do tempo, anti-manhã das manhãs nos pátios da fazenda em abril-maio onde morrem também "as borboletas em amarelo", e morre "Pedro Nicodemos dos Inhamuns", "rastreando a neblina das serras" no caminho áspero do sertão. Mas se Pedro Nicodemos morre, o sertão "re-existe", refloresce, na pedra e na planta,

"empurra os bois a
lavragem,
não só a terra, mas que
nela
resolvam seu sono,
breve e longínquo",

Alípio Raposo

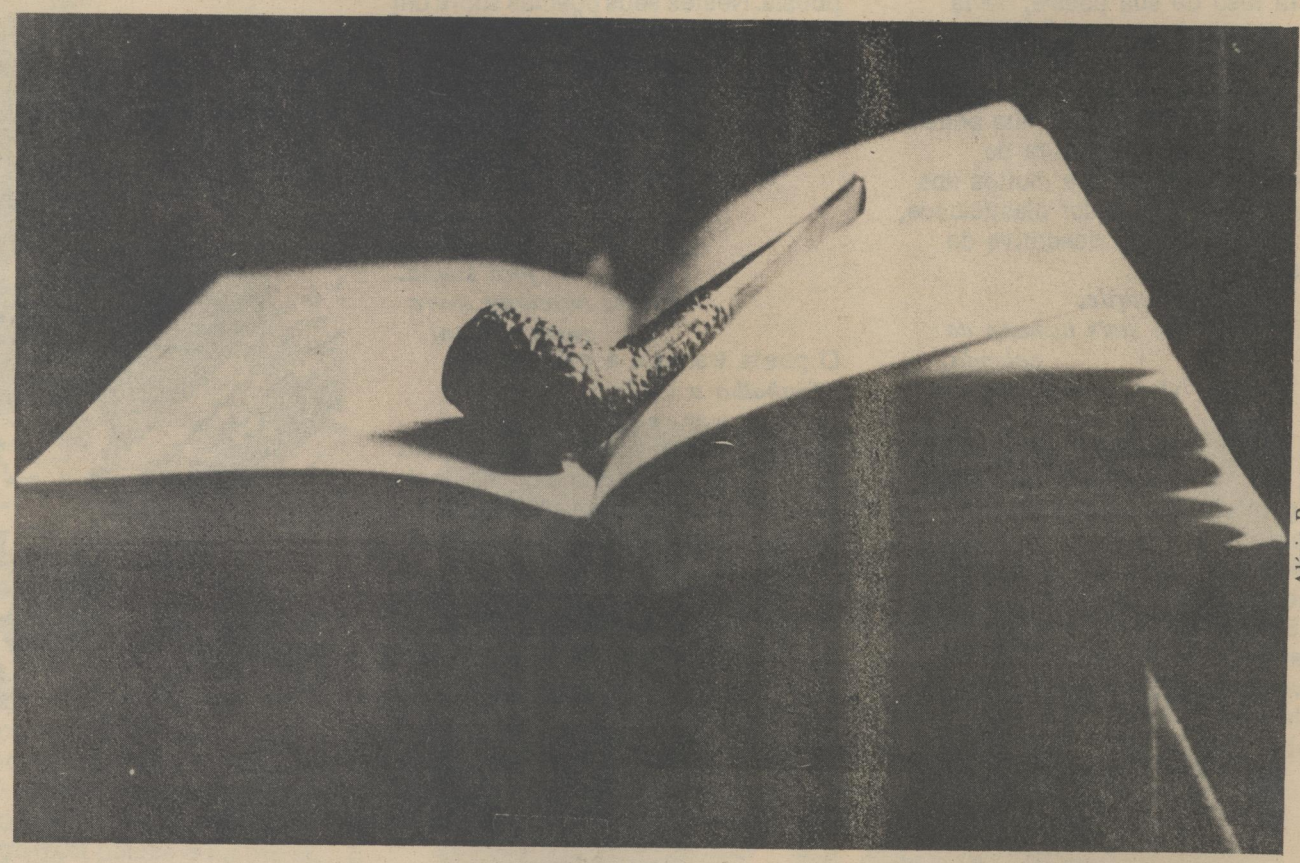
longínquo de "Fábula", perto de palavra, escrita, sangue.

"Em abril-maio, tempo
sem fim
.....
pede passagem o alísio
aboiador
de Pedro Nicodemos dos
Inhamuns".

"PROSA TRANSEUNTE"

Poeta também do cotidiano, Sanderson mantém a sua coerência formal. Períodos curtos, prosa enxuta, substantivada, são as constantes dessas crônicas transeuntes. Transeuntes os que passam, a prosa todavia fica. E ficam até os que passam, pois em sua apreensão, o material de suas observações é de outra argila, intemporal. Dessas prosas escolhidas entre dezenas de crônicas que Sanderson vinha mantendo no Jornal o Diário de Natal, que a rigor dariam alguns livros, quis o poeta pinçar algumas para fazer parte do último registro do seu livro, Fábula Fábula. Nestas crônicas fica mais patente e mais reveladora as predileções do poeta: livros e autores, música e arte. Prosa a que não falta poesia nas entrelinhas "transeunte" disfarçadas em pequeninos incidentes, registrados com fortuita cumplicidade do autor. Poesia. O poeta abre o leque do seu coração nos assuntos gerais do dia a dia, da crônica de coisas e fatos, mas continua sendo "olhos" e sensibilidade onde "repousam águas e rios construídos pelo sono", por isso, poeta, você nunca estará sozinho, "não estamos sós. Apenas esquecidos". Nem esquecido, haverá sempre no universo de seus amigos e de seus leitores a chama desta obstinada poesia, nossa certeza única, última porta.

Dorian Gray Caldas (RN), artista plástico, membro da Academia Norte-Riograndense de Letras.



Alípio Raposo

DORIAN JORGE FREIRE,

O poder de viver o cotidiano

Nilo Pereira

Dorian Jorge Freire é um dos meus alumbramentos literários. Suas crônicas de jornal — que agora, em boa seleção, são enfeixadas em livro — mostram o admirável estilista, tão altamente representativo de uma sensibilidade não apenas jornalística, mas essencialmente estética.

Tenho dito, e muito me agrada repetir, que Dorian é o nosso maior escritor brasileiro realizado em jornal. Digno de ser comparado a Alceu Amoroso Lima e a Josué Montello. Quando me refiro de modo especial ao escritor alongado em jornalista, quero com isso significar que nem sempre o cronista é verdadeiramente um escritor. Temos, é bem verdade, os casos atuais de Rubem Braga, Joel Silveira, Carlos Eduardo Novaes, Nelson Rodrigues e de alguns outros muito expressivos da colocação do nosso Alceu: o jornalismo é também um gênero literário.

O caso de Machado de Assis, de Raul Pompéia, de João do Rio e de outros menos citados revela uma vocação literária que engrandece o Jornalismo brasileiro.

Lendo (ou melhor relendo) as crônicas de Dorian Jorge Freire, sinto que estou diante de um fenômeno diversificado: há o cronista propriamente dito, o homem de luta e de convicção, o observador inteligente da vida brasileira, o filósofo, o cristão, o escritor sempre voltado para as agonias do nosso tempo.

Refiro-me ao escritor unamuniano, que encontra no Cristianismo agônico não a morte cataléptica de Deus, mas o sentido renovado do grande combate paulino contra as heresias e as deformações. Esse Cristianismo agônico, sobre o qual Unamuno escreveu um livro admirável, toca muito de perto nas fibras e no mundo interior — tantas vezes pascaliano — do nosso cronista potiguar e mossoroense, que, à semelhança de Gabriel Marcel, se defronta com um mundo dilacerado.

Participo da opinião do mestre, quando diz que Dorian é um Bloy que escreve com a pena de Hello. Isso caracteriza bem a sua missão jornalística na imprensa brasileira, da qual tem participado com muito brilho e muita competência. Ele fixa o seu roteiro de escritor de jornal. O que ele representou nos jornais em que colaborou ou dirigiu é algo que faz lembrar os nomes e os períodos mais importantes da vida nacional, com Ruy Barbosa, Quintino Bocaiuva, Carlos de Laet, meu mestre de longas e noturnas leituras.

Logo na crônica que abre este livro, escreve Dorian: — "Como não sei falar, escrevo". No que discordo fundamentalmente, pois que a sua condição de escritor não está de modo algum subordinada ao ato de não saber falar, conforme ele diz. Escreve porque nasceu para escrever. Porque esse é o seu destino. Essa, a sua fatalidade. Ou, para dizer com Thomas Mann, a sua condenação. Cada um de nós nasce com a sua sina.

Tratando do jornal "Brasil, Urgente", que é uma das suas sagas mais agudas, escreve o nosso cronista:

"De qualquer modo, aos poucos, vou contando. Na base de uma coisa puxa a outra. Não só para atender apelos e curiosidades de benevolentes leitores, mas também por catarse. Escrever é confessar-se, despojar-se de roupas, esvaziar-se, livrar-se dos demônios íntimos. E, nestes crepúsculos antecipados, é bem explicar aos filhos porque os fiz sofrer tanto, sem dar o braço a torcer, naquele passado de medo e de abandono".

Eis uma confissão patética, que me remete de repente a Dostoievsky, quando o grande escritor russo afirma que escrever é espantar fantasmas. Fantasmas ou demônios, a mesma coisa. A mesma necessidade de despojar-se. A mesma ânsia de chegar ao fim. Um fim que será sempre um recomeço.

As crônicas de Dorian Jorge Freire mostram várias faces do escritor realizado em jornal. Ora, o jornalista propriamente dito, com uma larga e brilhante fé de ofício, provado e comprovado nos momentos mais difíceis; ora o cronista um seu tanto sentimental, telúrico, barrèsiano, ligado umbelicalmente às suas paisagens mossoroenses; ora o amigo que, despedindo-se dos amigos que se vão, escreve admiráveis elegias, como aquela (ou aquelas) que dedicou a Myrian Coeli, cuja lembrança, revivida emocionalmente, parece sair de uma página de Renan ou de Rilke ou de Mauro Mota.

De repente, Dorian alça o vôo e eis que se encontra na Europa mais castiçamente Europa e nos dá páginas magníficas do seu deslumbramento quase medieval. Eu o acompanho nesta sortida maravilhosa e me encontro diante do túmulo da "Petite Therèze", em Lisieux. Diante das catedrais góticas. Procurando relíquias literárias nos buquinistas de Paris. E olhando do alto do Sacré Coeur, com os olhos magicamente estendidos sobre a Cité, lembrando o Parisianismo de Eça de Queiroz. Nessas ocasiões, que recordo com tanta nostalgia, eu não era nem Jacinto nem Zé Fernandes: era o menino do Vale do Ceará-Mirim, escrevendo um cartão postal para Edgar Barbosa, dizendo que o rio Água Azul, do nosso vale, é mais bonito do que o Sena. Coisas que só acontecem com os provincianos incuráveis, no gênero e na espécie de Luis da Câmara Cascudo.

Em uma palavra: a crônica de

Dorian Jorge Freire é o painel de uma vida sofrida que se transfigura no Tabor da inteligência privilegiada em imagens do tempo, que são as sugestões mais límpidas do nosso destino cumprido ou descumprido, mas sempre presente. Sempre fatal.

Devo dizer que muito me comoveram os seus artigos sobre o nosso querido Alceu — Cecéu, na intimidade — gênio alado da nossa literatura mais literária e menos intencional. Santo Alceu, proclama Dorian. O Alceu da comunhão diária. Das cartas diárias à sua filha Abadessa. Jovial. Alumbrado. Inquieto. Vagalume das nossas noites de inquietação ou mesmo de desespero. "Radiante Espelho", qual o proclamou Carlos Drummond de Andrade. "Alceu ao Céu", de Dom Marcos Barbosa.

Posso ser um pigmeu que só fita os Andes, mas, convenhamos, não é fácil olhar as grandes cumiadas, pois o sol sempre é forte e encandeia.

Em todo caso, fiz a viagem, sentindo o encantatório das paisagens e dos cenários, indo várias vezes, sentimentalmente, à cidade de Mossoró, que Dorian trata sempre no gênero feminino, preferindo, certamente, que o seu Mossoró seja mais mulher do que homem, apesar da virilidade do seu sexo e da sua tradição. A cidade em si e não o Município, que é masculino.

Sei perfeitamente que não alcancei os cimos da montanha; mas já é muito que um homem do vale saiba que existe o oposto do vale, que é a montanha. A montanha mágica.

O leitor de Dorian Jorge Freire saberá compreender que o grande Jornalismo é aquele que se pratica com toda a força de sua criatividade temporal, com todo o poder de viver o cotidiano e de exprimir as realidades e circunstâncias da vida.

Dorian é, substancialmente, um escritor-jornalista. Fora do jornalismo estará desmitificado; estará como peixe fora d'água. À procura dos seus caminhos irresistíveis.

Quem escreve, precisa ser entendido mais do que louvado. Pois a missão do escritor é a inteligência da palavra. Palavras não faltam nos Dicionários. Falta quem as faça saltar para o papel, dando-lhes vida e beleza.

Este, o segredo de Dorian, construindo os seus mundos com a palavra adequada, o estilo próprio, a sedução da verdade trazida por mãos de anjo a quem carece deles para ser um artista no esplendor da sua interioridade mística.

Nilo Pereira (RN), jornalista, escritor, membro da Academia Norte-Riograndense de Letras e da Academia de Letras de Pernambuco.

Vieira da Silva
Catálogo "Raisonne"

Jaime Raposo Costa

Maria Helena Vieira da Silva. 82 anos, portuguesa, pintora. Nasceu em Lisboa. Estudou piano e em 1922 está na Escola de Belas Artes de Lisboa. Em 1928 — 1929 instala-se em Paris e estuda escultura na Academia de La Grande Chaumière. Entra no campo da gravura e do desenho para tecidos e tapetes. Expõe pela primeira vez no "Salon des Artistes Français"; em 1930 casa com o pintor Arpad Szenes e em 1933 realiza a sua primeira exposição individual na Galeria Jean Bucher. Os anos de 35 e 36 passa em Lisboa, mas em 1937 regressa a Paris para executar, com o marido, cópias de Braque e de Matisse. Em 1939 volta de novo a Lisboa e em 1941 vem para o Brasil onde permanece até 1947. No Rio de Janeiro liga-se a jovens artistas, poetas e escritores entre os quais Murilo Mendes e Cecília Meireles. Durante os seus 6 anos de Brasil pinta alguns dos seus mais famosos quadros como "Le Desastre", "La Partie d'Echecs" e "L'Encende" e executa azulejos para a Escola Nacional de Agronomia "Kilometro 44".

Expõe no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro (1942), na Galeria Askenazi (1944) e no Palácio Nacional de Belo Horizonte, cidade onde permaneceu várias semanas. Em 1947 regressa a França e a partir de 1949 realiza exposições em Paris, Estocolmo, Londres, Nova York, Washington, São Paulo e Caracas. Em 1958 "Primeira Retrospectiva" em Hannover, Bremen e Wuppertal; em 1962 Grande Prémio Internacional de Pintura na Bienal de São Paulo; em 1963, "Grande Prémio das Artes em Paris; em 1964 Retrospectivas em Grenoble e Turim; em 1969 Retrospectivas em Paris, Roterdão, Oslo, Brasília e Lisboa. De 1972 a 1976 executa e expõe desenhos; 1977 Retrospectiva consagrada às temperas na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa; 1988 Retrospectiva Grand Palais, França; 1989 20ª Bienal Internacional de São Paulo.

Embora a obra de um artista plástico seja dificilmente redutível a definições, sem que o crítico não escorregue no recurso fácil à vazia frase de efeito ou no arrimo ao malabarismo da prosa rebuscada, há alguns pontos que parecem balizar e talvez caracterizar, o trabalho da pintora Maria Helena Vieira da Silva.

Vieira da Silva é um espírito forte, mas simples e desarmado que parece não aceitar receitas e influências subordinantes e que tornou o seu "atelier" o único território onde se movimenta a sua criatividade. É uma mulher independente, um ser humano inadaptado que obriga, na melhor linha do Romantismo, o público a procurar o diálogo com o artista.

A pintura de Vieira da Silva sugere um percurso caótico. Há uma dúvida em cada canto das suas telas, como se a pintora fosse eternamente uma prisioneira e uma fugitiva das Escolas: interessou-se pelo cubismo, mas não se entregou aos seus ditames; reteve a dinâmica do Futurismo, mas não se escraviou aos seus dogmas; captou a luz do Impressionismo, mas criou as suas próprias linhas; fugiu do Expressionismo, mas estudou os seus traços. Nunca esqueceu Torres Garcia. A artista olha o mundo como se pretendesse dizer "o máximo com o mínimo possível de meios", reduzindo as coisas à sua estrutura. Vieira da Silva é tão "ela" que, segundo José Augusto França, a sua pintura nada têm a ver com a arte praticada em Portugal mas "levou para um mundo sem fronteiras, não exactamente valores, mas a memória de valores portugueses, um subtil material com que unicamente as culturas podem comunicar a sua verdade essencial".

Vieira da Silva vai ter, finalmente o seu Catálogo "Rainonné" referência definitiva que vai colocar ordem no "caos" da obra de uma artista que é a maior figura feminina da pintura portuguesa do século XX.

O Catálogo que será lançado em 1992 e terá uma tiragem de 3.000 exemplares em 2 volumes de 600 páginas cada um, é o prêmio justo para uma mulher que saiu da neblina cinzenta da modernidade portuguesa e projectou a sua obra nos espaços amplos da arte sem fronteiras.

As origens desta iniciativa estão em 1987 quando estudiosos da obra de Vieira da Silva reunidos à volta de Guy Weelen, colaborador da artista desde 1954 e pesquisador autorizado de sua obra, sentiram a necessidade de ordenar e registrar a sua produção espalhada ao longo dos anos pela Europa e pelo Continente Americano.

A Editora Suíça "Edition d'Arte Albert Skira" juntou-se a Guy Wellen. O Banco de Portugal, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento garantem, pelo seu peso, a importância dos meios a investir no projecto.

Maria Helena Vieira da Silva tem obras espalhadas pelo Brasil e pela América Latina, que não estão inventariadas. Por esse motivo dentro em breve será desencadeada uma campanha que visa sensibilizar as pessoas que têm obras de Vieira da Silva a colaborarem com os editores do Catálogo, salvaguardando o seu anonimato.

O Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Rua Dr. Nicolau Bettencourt 1000 Lisboa, as Editions d'Art Albert Skira. Catalogue Vieira da Silva. 89, route de Chêne CH — 1208 Geneve, o Secrétariat Général du Catalogue Vieira da Silva. 72, rue de Seine, F — 75006 Paris e os Serviços Culturais da Embaixada de Portugal. Avenida das Nações SES 70402 Brasília DF enviam e recebem fichas destinadas a obter informações de coleccionadores e proprietários de quadros e desenhos de Vieira da Silva, para detectar trabalhos que ainda não estão identificados e catalogados.

Este esforço de identificação irá, por certo, resultar em agradáveis surpresas e vai seguramente desencorajar o aparecimento de obras falsas que inevitavelmente surgirão após a morte da pintora.

Jaime Raposo Costa é Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal em Brasília.

Quatro Poetas Alemães Contemporâneos

Traduções ou Transmissões

Transmissões por Marcos de Farias Costa

Ana Potiguar

PÜNKTLICH

Günter Grass (1929 -)

Eine Etage tiefer
schlägt eine junge Frau
jede halb Stunde
ihr Kind.
Deshalb
habe ich meine Uhr verkauft
und verlasse mich ganz
auf die strenge Hand
unter mir,
die gezählten Zigaretten
neben mir;
meine Zeit ist geregelt.

PONTUALIDADE

No andar abaixo
bate uma jovem mulher
cada meia hora
em seu filho.
Por isso
já vendi meu relógio
e me regulo agora
pela mão pesada
abaixo de mim,
os cigarros contados
pertos de mim —
bem medido é meu tempo.

VON DER NOTWENDIGKEIT DER ZENSUR

Rainer Kunze (1933)

Retuschierbar ist
alles

Nur
das negativ nicht
in uns

DA NECESSIDADE DA CENSURA

Tudo pode ser
retocado

Menos
o negativo dentro
de nós.

DAS DUNKEL

Ernest Meister (1911)

Das Dunkel fragt man nicht,
wie es ihm geht.
Es singt nicht.
Es hat keine Augen.
Dunkel ist ein toter Hund.

O SOMBRIO

Ao Sombrio não se pergunta
como ele vai.
Ele não canta.
Nem possui olhos.
O Sombrio é um cão morto.

GEGEND MIT STADTAUTOBAHN

Jürgen Becker (1932)

damals, die Amsel in der Machabäerstrasse
morgens um fünf, und
die lebendigen Ruinen der Alstadt,
ein Regen, grau wie der Mai jetzt

PRÓXIMO DA AUTOPISTA

daí, os melros na rua dos Macabeus
às cinco da matina, e
as ruínas vivas da cidade velha,
uma chuva gris, como neste maio agora

Marcos de Farias Costa (CE), poeta, jornalista, tradutor, autor dos livros **Ócios do Ofício, Coisas e Loisas e O Amador de Sonhos,** entre outros. Edita o jornal **A Parte.**

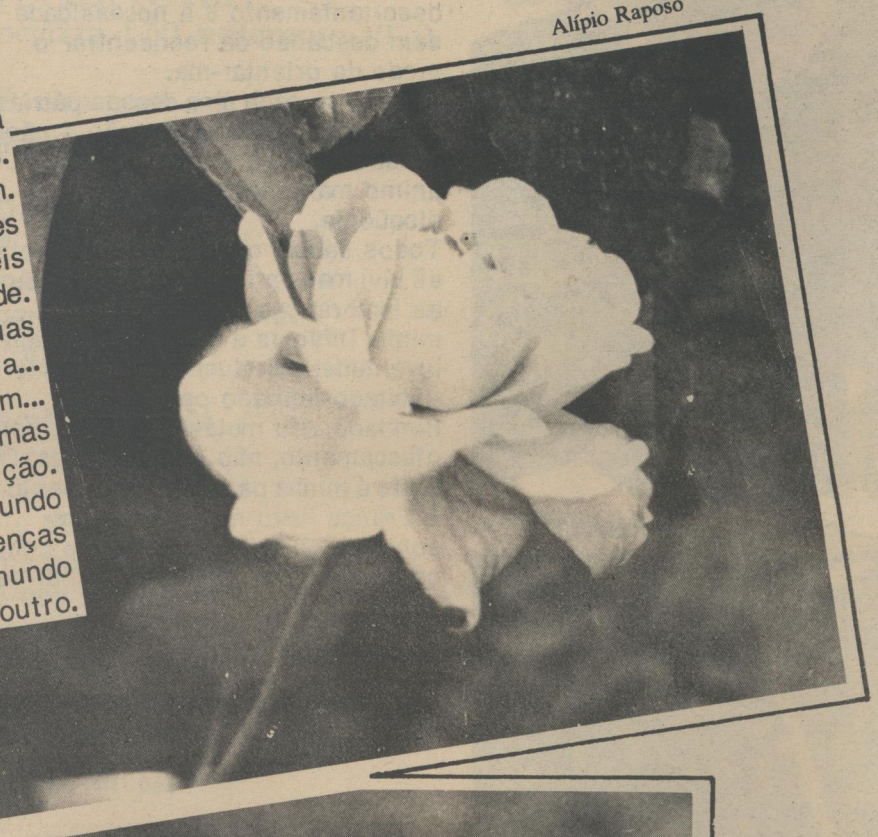
Os Olhos do Mundo

após a leitura de Os Anos,
de Virginia Woolf.

Os olhos do mundo
devoravam os olhos do mundo.
Devoravam os filhos de Abel Pargiter.
Os olhos do mundo são grandes e silenciosos e estão ávidos de virtudes.
Ás vezes são leves, às vezes são negros, às vezes são certos.
Passionais. Azuis.

Os olhos do mundo devoravam o senhor, que era só amor e disciplina
e fingiram amar a moça que possuía os segredos das palavras.
Os olhos do mundo vigiam Os Anos que passam.
São antigos e profundos e se devoram nas noites
onde as estrelas são pontos de luzes inalcançáveis
e emoções meio linces procuram dentro de si balões de serenidade.
Os olhos do mundo estão cheios de águas
e choram Eugénie, a que valsava, valsava, valsava...
e reverenciam Eleanor, Rose, Sara, Kitty, as que ardiam, ardiam, ardiam...
Os olhos do mundo inventaram as lágrimas
nos olhos das senhoras encobertas de dor e tradição.
Os olhos do mundo devoravam os olhos do mundo
e permanecem intactos diante das sentenças
que jamais serão ditas neste mundo
E em nenhum outro.

Marize Castro



Alípio Raposo

Alípio Raposo

UNGARETTI E SUAS QUATRO PÁTRIAS

Foto de Paola Mattioli do livro Lettere a um fenomenologo

"Tive a sorte de pertencer a várias pátrias, e não é um destino fácil de suportar. Estou sempre desterrado de países muito amados e não é só SAUDADE de um ou de outro o que sinto, mas quase um desorientamento e a necessidade sem descanso de reencontrar o modo de orientar-me.

É como se cada uma dessas pátrias fosse uma contínua fixação e não cessasse de se tornar no meu ânimo mais íntima e mais eloqüente.

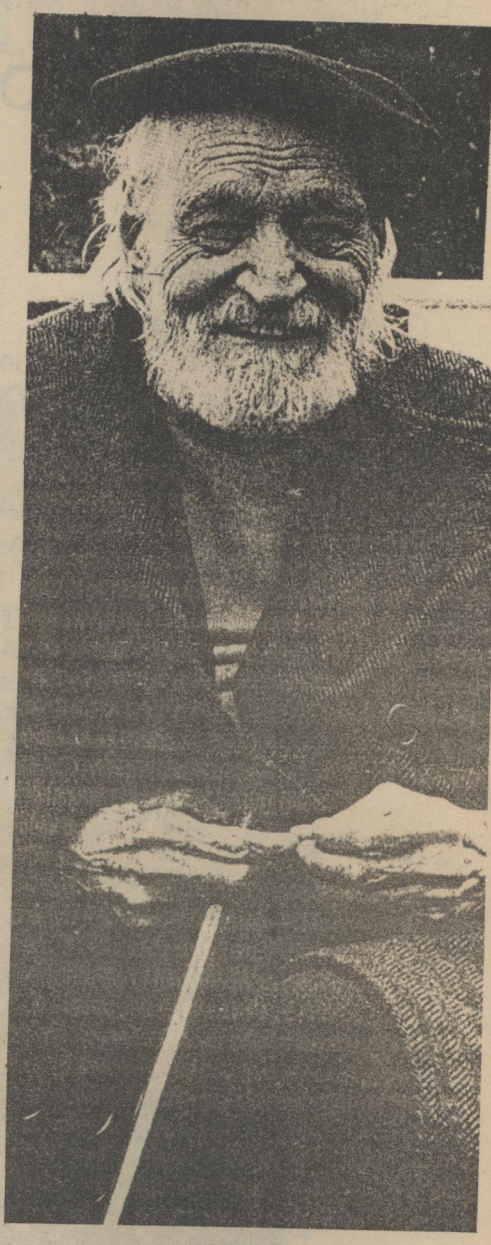
Todos sabem que nasci no Egito e ali vivi meus primeiros 20 anos: são as lembranças incanceláveis da minha infância e da minha primeira juventude: sol alucinante, deserto ilimitado limitado pelo mar ilimitado, céu mutável pela luz, por ofuscamento, não pelas nuvens. O Egito é minha pátria de nascimento. À França devo meus primeiros contatos com a arte de hoje e com os homens que deveriam tornar-se os protagonistas em um clima do qual também os meus intrumentos de expressão obtiveram sua têmpera. É a minha pátria de formação.

A Itália é minha pátria natural, já que soú de velho sangue italiano, na verdade de Lucca.

Em 1936 vim para o Brasil e fiquei até 1942. Seis anos não é muito tempo, mas estes anos foram para mim de tantas novidades e tantas experiências, experiências felizes e experiências terríveis. Conheci de um modo novíssimo a relação entre memória e inocência, que a minha poesia sempre teve por objetivo conciliar. Conheci a maior dor (1) que possa dilacerar um homem nos seus afetos familiares e a compaixão do próximo, que naquela circunstância correu a consolar-me com solicitude de inigualável delicadeza. O Brasil é minha pátria humana."

* trechos de um discurso feito por Ungaretti em 1968 na Câmara de Comércio italo-brasileira em São Paulo.

(1) N.T. Ungaretti refere-se à morte do seu filho Antonietto aos 9 anos de idade.



Antonio Bella

Desde quando, há alguns anos, descobri a poesia de Giuseppe Ungaretti —

"(Mattina)

M'illumino
d'immenso" — tenho me dedicado a ela com fervor de tiete e com uma certa irreverência científica que resultaram: em 1987 na edição do folheto "10 POESIAS DE UNGARETTI POR ANTONIO BELLA" e em 1988 num texto, com duas novas traduções, em comemoração ao centenário do poeta, publicado no Verve (fevereiro 1988).

O constante remergulhar na poesia ungarettiana e a leitura de textos sobre a mesma têm me estimulado a revisão destes trabalhos, além de provocar novas investidas na poesia do velhinho. Ao reler minha tradução de "GIROVAGO" e "IN MEMORIA" senti necessidade de reparos. Não é por acaso. Estas duas poesias falam do "ser estrangeiro". Quando as traduzi já vivera tal experiência, mas eu estava de volta às comodidades do solo pátrio. Além disso, o próprio Ungaretti reescreveu as poesias em questão. "In memória", dedicada a um amigo de infância que se suicidou em Paris, sofreu 3 revisões desde quando foi publicada pela primeira vez em 1916 até a versão definitiva de 1942.

A partir da minha atual experiência de ser estrangeiro, dolorosa por sinal, num mundo onde tudo que não é europeu não é valorizado, é que venho propor aos leitores de O GALO a leitura de GIROVAGO (VAGAMUNDO) e IN MEMORIA. Além da trágica experiência do amigo Moammed Sceab descrita em IN MEMORIA, o próprio Giuseppe Ungaretti terá sofrido dores de ser estrangeiro. De nacionalidade italiana, filho de emigrantes toscanos, Ungaretti nasceu em 1888 em Alexandria, Egito, onde viveu até os 24 anos. Ali, em meio à cultura árabe, estudou em escola francesa. Aos 24 anos vai para a França, concluir seus estudos. Luta na primeira guerra mundial e escreve aquele que seria o seu primeiro livro — IL PORTO SEPOLTO. Mais tarde conhece um quarto país: O BRASIL, onde viveu de 1936 a 1942 como professor de literatura italiana na USP. Sobre o Brasil ele disse algo interessante: é um país onde "o choque entre inocência e memória é mais evidente."

A Poesia de Ungaretti — uma das mais importantes na história literária italiana deste século — é cheia desse olhar de quem anda pelo mundo, de um nômade à procura da "Terra Prometida", "do país inocente", como nos sugere GIROVAGO. IN MEMORIA, por sua vez, fala de uma questão atualíssima na Europa — migração internacional — sobre a qual, anos mais tarde o poeta fez o seguinte comentário: "Concluindo, 'In memoria', reevocação do meu companheiro Moammed Sceab, é o símbolo de uma crise da sociedade e dos indivíduos o que ainda perdura, derivada do encontro e desencontro de civilizações diferentes e de golpe e consequentes choques entre as tradições políticas e a fatal evolução histórica da humanidade." (1)

(1) Ungaretti, G., Vita d'un uomo. Saggi e interventi, a cura di M. Diacono e L. Rebay, Mondadori, Milano, 1974.

Ungaretti Ungaretti Ungaretti Ungaretti Ungaretti Ungaretti

traduções de Antonio Bella, revista e atualizada em fevereiro 1990 Stuttgart-Wangen

GIROVAGO
Campo di Mailly Maggio 1918

In nessuna
parte
di terra
mi posso
accasare

A ogni
nuovo
clima
che incontro
mi trovo
languente
che
una volta
già gli ero stato
assuefatto

E me ne stacco sempre
straniero

Nascendo
tornato da epoche troppo
vissute

Godere un solo
minuto di vita
iniziale

Cerco un paese
innocente

VAGAMUNDO

Não é
em qualquer
lugar
que posso
me sentir em casa

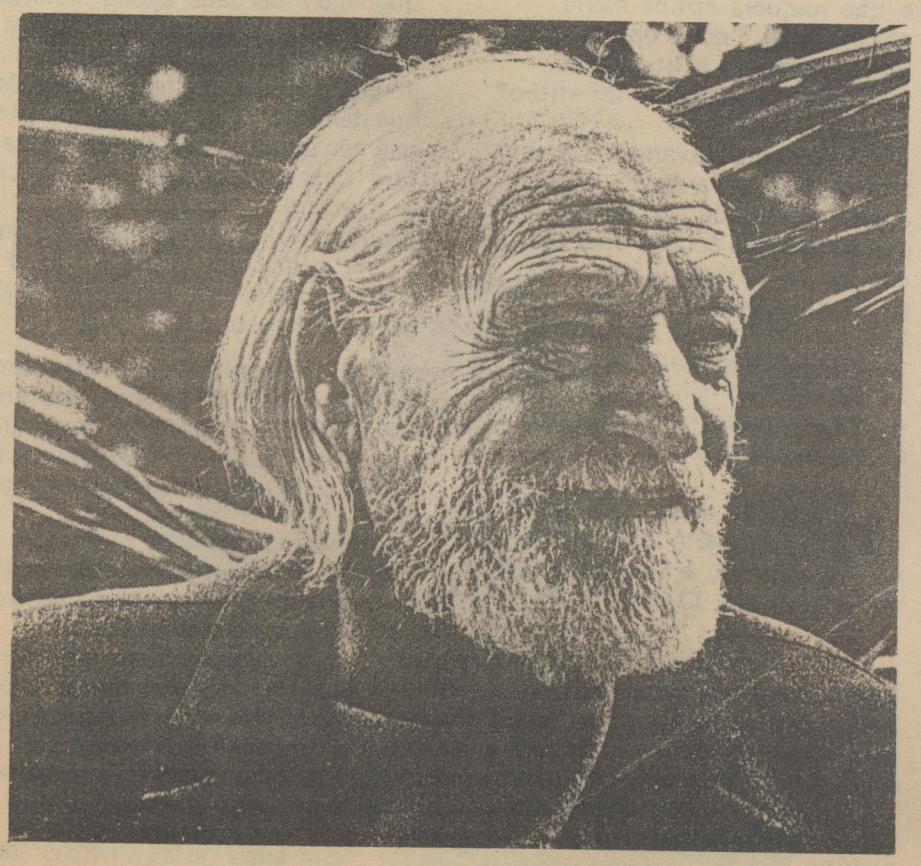
Em cada
novo
clima
que conheço
me sinto
indolente
como
se já estivera
ali antes
acostumado

E sempre parto
estrangeiro

Nascendo
voltando de épocas muito
remotas

Gozar a vida
no seu primeiro
momento

Procuro um país
inocente



IN MEMORIA
Locvizza il 30 settembre 1910

Si chiamava
Moammed Sceab

Discendente
di emiri di nomadi
suicida
perché non aveva piú
Patria

Amò la Francia
E mutò nome

Fu Marcel
ma non era Francese
e non sapeva piú
vivere
nella tenda dei suoi
dove si ascolta la cantilena
del Corano
gustando un caffè

E non sapeva
sciogliere
il canto
del suo abbandono
L'ho accompagnato
insieme alla padrona dell'albergo
dove abitavamo
a Parigi
dal numero 5 della rue des Carmes
appassito vicolo in discesa

Riposa
nel camposanto d'Ivry
sobborgo che pare
sempre
in una giornata
di una
decomposta fiera

E forse io solo
so ancora
che visse

EM MEMÓRIA

Se chamava
Moammed Sceab

Descendente
de emires de nômades
suicida
porque não tinha mais
pátria

Amou a França
e mudou o nome

Foi Marcel
mas não era francês
e não sabia mais
viver
na tenda dos seus
onde se ouve a cantilena
do Alcorão
saboreando um café

E não sabia
liberar-se
do canto
do seu abandono

Lhe fiz companhia
até chegarmos à dona do hotel
onde habitávamos
em Paris
no número 5 da rue des Carmes
estreito beco em descida

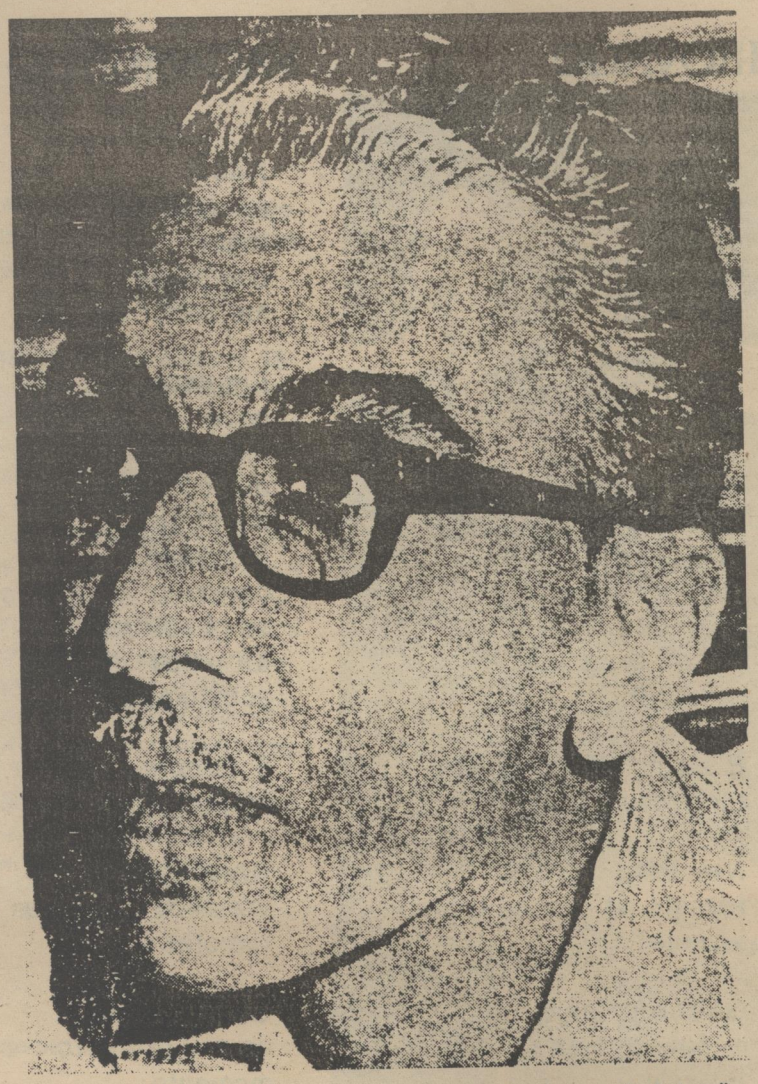
Antonio Bella(RJ), jornalista, autor do folheto 10 POESIAS DE UNGARETTI por A. Bella.

O GALO 25/26 omitiu o nome de Floriano Martins na tradução do ensaio de Armando Romero **A Poesia Colombiana ou a busca de um Espanhol outro.** Pedimos desculpas ao tradutor por essa falha na montagem do jornal e reafirmamos nossa admiração pelo seu trabalho como poeta e jornalista.

POESIA: O Ensaio do Infável

Entrevista com Pablo Antonio Cuadra Conduzida por Floriano Martins

O poeta Pablo Antonio Cuadra (Manágua, 1912) é um dos fundadores do Movimento de Vanguarda (1928-1934) na Nicarágua. Tendo publicado, entre outros livros, **Poemas nicaraguenses** (Santiago, 1934), **El Jaguar y la luna** (Manágua, 1959), **Libro de horas** (Madrid, 1964) e **Siete árboles contra el atardecer** (Caracas, 1980), Cuadra, que figura ao lado de Lezama Lima, Octavio Paz, Vicente Gerbasi, Jaime Sáenz, Gonzalo Rojas, entre outros, como um dos mais importantes poetas hispano-americanos de nosso tempo, é também autor de uma essencial obra ensaística que se inicia com **El nicaraguense** (1967) e culmina em **Aventura literária del mestizaje** (1988), obra fascinante que analisa os traços fundamentais da literatura nicaraguense. A entrevista que ora publicamos foi realizada em janeiro deste ano.



"Ser poeta dá direito a ter a nacionalidade do mundo futuro".

Vamos dar início a esta nossa conversa falando sobre o Movimento de Vanguarda, **do qual você foi um dos fundadores. Que circunstâncias envolviam a literatura nicaraguense quando do surgimento dos vanguardistas, em 1928? E que relações acaso eram mantidas com outros poetas do restante da América Central?**

Não sei quais são os mecanismos da intuição poética que, em certos momentos geracionais, impõem o rechaço do anterior. Éramos um grupo muito jovem, porém nos uniu, antes de tudo, o obscuro sentimento — que Herman Hesse evoca em **Demian** — de que um mundo terminava e outro novo surgia em violento parto. O Modernismo estava esgotado e nos sentíamos convocados a fundar algo novo e distinto. Não somente a poesia: tudo novo! Nos abrimos a todas as correntes vertiginosas do momento: desde o Surrealismo até Dadá. Porém, esse momento de abertura e cosmopolitismo coincidiu, na Nicarágua, com uma intervenção estrangeira, dos Estados Unidos; com o protesto armado de Sandino e, como é natural, com seu reflexo em nosso movimento literário, que se viu patrioticamente pressionado a criar uma literatura; nova, por certo, porém defensiva e afirmativa de nossa identidade nacional. Por esta peculiaridade de fundir Cosmopolitismo e Nacionalismo de nossa Vanguarda, sua maior similitude é com a Semana de Arte Moderna do Brasil (dos dois Andrades e de **Claxon**)e sua proclama de "retornar às raízes" brasileiras.

Fomos mais loquazes e mais unidos que os vanguardistas do resto da América Central, porém nos relacionamos com os melhores, publicamos seus escritos e trocamos publicações. O grupo **Saker-ti,** Miguel Angel Asturias, Raul Leiva, Davil Vela e César Brañas, da Guatemala; Salarrué, Guerra Trigueros e Hugo Lindo, de El Salvador; García Monje e Eunice Odio, da Costa Rica; foram, entre outros, os que mantiveram as mais estreitas relações conosco.

Seu ensaio Introdução à Literatura Nicaraguense, **de 1980, encerra-se com a frase: "Uma nova época abriu suas portas", evidentemente que referindo-se aos acontecimentos de 1979. Passados estes oito anos, como analisa hoje o que naquela época havia chamado de "nova época"? Que rumos tomaria a literatura nicaraguense a partir de então?**

Todos esperávamos que se abrisse uma nova época, porém apenas se fechou a anterior. Parece que as grandes épocas criadoras não são revolucionárias e sim pre-revolucionárias. Fomos como um belo e caudaloso rio que, de repente, submergiu na frustação ou no ex-ílio. Eu espero que o fracasso obrigue a retificar e volte rapidamente a aflorar a corrente perdida.

Acredita, como Octavio Paz, que "a história, a realidade social de uma época, é uma projeção de sua arte e sua literatura"?

Vou contar-lhe uma experiência: nossa revolução foi possível fazê-la porque iam, adiante, abrindo-lhe caminho, uma poesia e um canto. Logo a revolução foi desviada traiçoeiramente: de tais desvios ante-poéticos está repleta a prosa da história. Por isto a América Hispânica faz sua história dando solavancos entre Utopia e Exílio. Estou de acordo com Paz. "A linguagem de cada época histórica — diz Oscar Milosz — adquire sua forma e a determina graças à poesia". É uma misteriosa relação que também Paz assinalou ao dizer que não existiria Grécia sem Homero, nem tampouco Homero sem Grécia. A poesia é a fundadora dos arquétipos. Em nossa América é onde a luta mítica da Poesia contra a História conta com um martirológio mais numeroso.

É possível afirmar que, em seguida aos poetas surgidos em torno do Movimento de Vanguarda, **Martínez Rivas é o que mais se destaca atualmente na Nicarágua?**

Nicanor Parra, o chileno, e Carlos Martínez Rivas (com mais poder poético) são os que abrem os novos caminhos da poesia pós-nerudiana. Martínez Rivas é um perigoso neto de Baudelaire que comete um poema como um crime perfeito. Desgraçadamente seu **hobby** é ter o diabo encerrado em uma garrafa.

Em suas Notas Críticas sobre Poetas Nicaraguenses **você se**

refere a Joaquín Pasos como tendo sido um precursor da anti-poesia **de Nicanor Parra. Poderia nos falar um pouco a este respeito?**

Os principais componentes da Anti-poesia (nome muito século XX porém pouco afortunado) os antecipa ou estão em germe, dez ou quinze anos antes, na poesia de Joaquín Pasos: a dessacralização do **eu,** o uso da fealdade e do prosaico, a burla séria, etc. O que acentua logo em Parra, e o mesmo em Martínez Rivas e em Cardenal, é o nível obscuro e Kafkiano desses elementos como reflexo da condição desolada do homem depois da guerra e com a ameaça nuclear.

Uma questão que, por inevitável, tem se repetido sempre: não só a sua poesia mas a de todos os integrantes do Movimento de Vanguarda **conseguiu escapar da febre política, do cancro de um patriotismo rançoso, de um didatismo fútil e inexpressivo. A que fundamentalmente atribuiria tal fato?**

Creio que ao fato de coincidir a necessidade de criar uma literatura nacional com a irresistível atração comopolita das vanguardas: isso nos permitiu um equilíbrio entre a tentação da caverna e a do distanciamento. Acrescentaria outro grande peso na balança: apesar de nossos ataques éramos herdeiros de Darío, de sua lição ante-provinciana de **UNIVERSALIDADE.** E outra importante ajuda: a ironia, esse distanciamento do poeta em relação ao poema, que permite o humor. Não em vão nossa geração teve um genial mestre que Drummond de Andrade cantou por todos nós: Chaplin!

Por que afirma que "o americano não pode expressar o índio que leva dentro de si a não ser recorrendo à aventura linguística e onírica do surrealismo"?

Nosso passado ocidental, Séculos de Ouro, Idade Média, Roma, Grécia, se nos comunica pela escritura. (Grécia nos fala desde a raiz de nossas palavras) O índio perdeu essa ponte. Tikal (nossa Atenas maia) é nossa Atenas muda: não nos fala através de língua ou escritura, mas sim como o amor, por silêncios. O índio que levamos dentro o levamos entre-adormecido. Se necessita uma linguagem onírica, uma linguagem cujas associações e metáforas ultrapassem o racional, saltem a ponte caída da língua e nos comunique com esse mundo ab-origem que ainda está vivo.

Em que sentido afirma que Rubén Darío é o único grande renascentista americano?

Não o único mas sim o último. O broche de ouro. Ele termina e com ele acaba a tradição renascentista com seus cânones de beleza que identificavam beleza natural e beleza artística. Porém é também quem coloca uma carga de dinamite de "estética acrática" — de rebelião contra a ancilose mental, contra o clichê verbal e o "molde único" —, carga que rebenta o dique e abre novas liberdades: a inundação de todas as culturas e de todos o cânones de beleza: as cinco mulheres de **Las Demoiselles d'Avignon** de Picasso: Egito, Grécia, Roma, Ásia e África. A vanguarda é o resultado dessa inundação. É a entrada violenta do "moderno".

"O silêncio do poeta é inefável"

Já se disse de sua poesia que ela expressa o que Darío deixou em silêncio. Concorda com isto? Considera assim tão acentuada a influência de Rubén Darío em sua obra poética?

Me envaidece, porém o creio exagerado. O silêncio de um poeta é inefável. Muito mais o de um Rubén Darío! Possivelmente os poetas da América que lhe sucederam não temos feito outra coisa que escrever o que ele sonhou e não escreveu. Darío, contudo, não influi em mim por contágio nem por rechaço. (Eu seria incapaz de escrever "La Marcha Triunfal" de Ernesto Cardenal, nem tampouco aproximar-me de Darío como Picasso de Velázquez, ou ao menos imitar-lhe.) Influi em mim como mestre: o que trato de aprender dele é seu ofício. O ante-dariismo inicial da vanguarda foi fecundo: permitiu nos distanciarmos de Rubén para não imitá-lo, ao mesmo tempo sem perdê-lo de vista para poder continuá-lo.

Concordaria com o poeta e crítico espanhol José María Valverde ao apontar em sua poesia a existência do que ele chama de "americanismo cristão"?

Também o americanismo de Vallejo é profundamente cristão, apesar de ter se filiado ao Partido Comunista. Luis Alberto Cabrales, meu companheiro de vanguarda, o chama: "um marxista impregnado de Deus", e a caridade de Vallejo tem expressões só comparáveis com as de São Paulo. Mas sim, estou de acordo com Val verde. O cristão afeta o americano suavemente, porém definitivamente. Dá ao homem **amor** para a vida e **esperança** para a morte. Mas sem beligerância. Cada dia mais desnudos. A situação de um cristão ante um não-cristão é a situação de um mendigo que diz a outro mendigo onde encontrar de comer. Um grande poeta católico de vocês — Jorge de Lima — dizia em um poema que ele tinha em suas duas mãos as duas irmãs de Betânia:

"a que escreve, a que trabalha, a que propaga a palavra (Marta)
e a que silenciosa sustenta tua fronte fatigada" (Maria)

Valverde me concede também essas duas mãos: a **americana,** que é a que escreve em luta com a História, a mão da ação da palavra contra o tempo. E a **cristã,** que é a que sustenta minha fronte na contemplação.

Já em 1959 você falava em uma "épica desmitologizada", como sendo a grande meta de sua poesia. Considera-a plenamente atingida? Cantos de Cifar y del mar dulce **e** El tiburón **seriam os melhores exemplos desta "épica desmitologizada"?**

Uma das maneiras de abordar o mito em nosso tempo é desmitificando-o. O mundo não pode subsistir sem mitos, porém cada época cria suas próprias atmosferas míticas que se gastam, como se gastam as palavras e as moedas, pelo uso. Há então que desnudar o Mito de suas aderências históricas: em **Cantos de Cifar** em queria dar com Ulisses antes de Homero. O marinheiro que "mete sua mulher no conto dos porcos". O marinheiro comum e corrente de nosso Grande Lago da Nicarágua. E devolver à épica sua humildade primeira. **El tiburón** não é fruto do mesmo processo. Em minha lua-de-mel, banhando-me no Grande Lago com minha esposa, nos atacou um tubarão, do qual conseguimos escapar, mas pude ver seus olhos muito de perto e me pareceu que havia descoberto o olhar do Mal: um ódio frio, a insensibilidade que parece inocência de tão perversa; o olho dos torturadores e dos tiranos. O olho com que nos olha, com demasiada frequência, a História.

Você já disse que a grande luta do poeta, da palavra do poeta, é contra o tempo. Lembro que Borges sempre refutou o tempo, afirmando que os poemas resistirão mais que as cidades. Acaso lhe preocupa o futuro daquilo que escreve?

Me preocupa sair vitorioso de todas as mortes que me assediam como ser mortal. Não tanto o futuro daquilo que escrevo mas sim o futuro do que vivi ou conheci quando escrevia. Ser poeta dá direito a ter a nacionalidade do mundo futuro, quando finde minha imaginação e comece a de Deus. A poesia é a palavra que quer alcançar esse estado de ressurreição: não é a linguagem original, como outros crêem, mas sim a trans-final. É o ensaio do inefável.

Poderia nos falar de suas experiências editoriais junto aos Cuadernos del Taller San Lucas **e** El Pez y la Serpiente?

São dois tipos de revistas completamente distintas. **Cuadernos del Taller San Lucas** foram feitos com um sentido de comunidade e colaboração, de oficina, de "confraria", quando éramos jovens e ainda agrupados e movidos pelo impulso do movimento de vanguarda. Foi uma publicação feita, se posso dizer, à mão, com humilde sentido artesanal. (Ernesto Cardenal se inspirou nesta obra ou labor para suas oficinas do Ministério da Cultura, porém a expontaneidade de um grupo amigo não é a mesma promovida burocraticamente por um Estado) A revista **El Pez y La Serpiente** eu a fundei muito tempo

depois para que fosse o órgão de uma vigorosa produção literária — como a nicaraguense — mas que sofreu e sofre de grandes problemas editoriais. Pretendia que fosse uma publicação que alentasse essa produção e a desse a conhecer ao mundo. Foi como uma antologia periódica do que fazer artístico e literário de meu país.

Qual a situação atual do jornal La Prensa, **e de seu suplemento** La Prensa Literária?

A espada de Damocles.

Teria algo a acrescentar como arremate desta nossa conversa?

Em um artigo recente em homenagem a Drummond de Andrade (**Drummond de Andrade: Grande Poeta, Grande Amigo**) escrevi: a meus amigos poetas jovens levo anos aconselhando: olho no Brasil! Andamos talvez consumindo a curiosidade no francês, no inglês, no russo, enquanto ignoramos a maestria próxima de uma grande literatura paralela à nossa e cheia de invenções. Cansaríamos os olhos e não encontraríamos facilmente um par no mundo para Drummond. (Porém quantas edições de sua obra há em espanhol?!) Não perder a Europa é ainda importante mas, quando na vizinhança nos dão sua obra um Machado de Assis, um Guimarães Rosa, um Drummond de Andrade, vale a pena adquirir a passagem da língua portuguesa; não é pouco o mundo que põe ao nosso alcance!

algumas notas:

1. Senzontle. do náhuatl **centzontli:** 400 ou multidão, e **tlatolli:** voz, vozes. Ave canora **(Mimus Poliglottos)** de assombrosa variedade de vozes e acêntuado instinto de imitação.
2. Síes. plural de **Si,** refere-se ao canto de um pássaro nindirí conhecido por **güis.**
3. Nindiríes. plural de **Nindirí,** denominação de um povoado nicaragüense.
4. Ulúas. nome de uma cultura índia que povoa determinada região da Nicarágua.

Floriano Martins (CE), poeta, tradutor, jornalista, editor do jornal Resto do Mundo.

O BARCO NEGRO

Cifar, em seu sonho, ouviu os gritos
e o uivante caracol na neblina
da aurora. Mirou o barco
— imóvel —
fixo entre as ondas.
— Se ouves
na obscura
metade da noite
— em águas altas —
gritos que perguntam
pelo porto:
gira o timão
e foge

Reclinado na espuma
o casco escuro e carcomido
(— Marinheiro!, gritavam —),
os cordames rotos
agitando-se e as velas
negras e apodrecidas
(— Marinheiro! —)
De pé, Cifar abraçou o mastro

— Se a lua
ilumina seus rostos
cinzentos e barbudos
Se te dizem
— Marinheiro, aonde vamos?
Se te imploram:
— Marinheiro, mostra-nos
o porto!
gira o timão
e foge!

Há tempo zarparam
Há séculos navegam no sonho

São tuas próprias perguntas
perdidas no tempo.

ELEGIA A MORTE DE UM SENZONTLE

A linguagem é poesia fóssil
Emerson

Em memória de Carlos Drummond de Andrade, grande poeta, grande amigo.

No ocaso da metáfora
ali onde uma palavra
perde o sentido
e cai
morre o senzontle.
400 vozes
sustentaram seu ramo
de trinos. Dia a dia.
Com silvos em náhuatl
nic mati/ nic itoa/ nic ilnamiqui
quando penso/ quando digo/ quando recordo
morrerei com minhas palavras? Retornará
tua passarada de Tula
tua algaravia
Al-garbìì
do árabe, teus pombos
de Castela e síes
de güises nindiríes
e ocarinas ulúas fósseis ai!
Filho do ar
pássaro palavra canto
Livra-nos da solidão de cada coisa!
Estabelece
a relação/ o beijo
do símile
entre a faca
e a fresta
entre o mar
— tão solitário —
e esta gota
de pranto!

Poemas de Pablo Antonio Cuadra
Tradução: Floriano Martins

Ao iniciarmos estes apontamentos sobre poesia, decerto não seguiremos ao pé de letra o conselho do poeta francês LOUIS ARAGON, que desabafava:

> *"É preciso ser louco para escrever sobre poesia. A poesia se faz, ela não se explica. Aquele que fala de poesia é louco porque ela começa onde se penetra no terreno do incomunicável." (*)*

Entretanto, um conterrâneo seu, não menos notável, PAUL CLAUDEL, rebate:

> *"Tu não explicas nada, ó Poeta, mas através de ti todas as coisas se tornam explicáveis." (**)*

Para ANDRÉ GIDE,

> *"O poeta diz em voz alta e forte aquilo que pensamos em voz baixa e tão mal que nossos pensamentos jamais encontram sozinhos as palavras para traduzi-los." (***)*

Gostaríamos de abordar aqui dois equívocos que cercam a figura controvertida do poeta. A primeira é a da **inspiração.**

Em cada lançamento de uma coletânea de versos, ouço, invariavelmente, a pergunta:

> *"Você estava mesmo inspirada quando escreveu 'Os Iluminados'?*

Invariavelmente, cito a resposta de PAUL ÉLUARD:

> *"Le poète n'est pas celui qui est inspiré, c'est celui qui inspire (O poeta não é aquele que está inspirado, é aquele que inspira)."*

De fato, o leitor deve encontrar no texto poético (se o texto é realizado) o momento de comoção e beatitude, aquilo que BAUDELAIRE chamava de "le goût de l'infini" (o gosto do infinito).

Temos a nosso favor o conceito de MALLARMÉ, mais tarde corroborado por MANUEL BANDEIRA de que

> *"em Literatura, a poesia está nas palavras, se faz com palavras e não com idéias e sentimentos".*

Do princípio, diz o Gênesis, era o Verbo.

Adverte ALFONSO REYES em "La experiência Literária":

> *"O poeta não deve confiar muito na poesia como estado de alma mas, em troca, deve insistir muito na poesia como efeito de palavras."*

PIUS SERVIEN, no ensaio "Science et Poétique" acrescenta:

> *"A poesia é linguagem. O poeta é o senhor das palavras".*

Num dos mais contundentes poemas de ROSA DO POVO, Carlos Drummond de Andrade faz uma profissão de fé poética:

> *"Não rimarei a palavra sono*
> *com a incorrespondente*
> *palavra outono.*
> *Rimarei com a palavra carne*
> *ou qualquer outra, que todas*
> *me convém."*
> *("Consideração do poema")*

E na "Procura da Poesia" propõe:

> *"Penetra surdamente no reino*
> *das palavras.*
> *Lá estão os poemas que*
> *esperam ser escritos.*
> *Ei-los sós e mudos, em estado*
> *de dicionário."*

Este mesmo poema se inicia com um conselho de mestre:

> *"Não faça versos sobre*
> *acontecimentos.*
> *Não há criação nem morte*
> *perante a poesia."*

Estes acontecimentos, estes fatos do cotidiano, estes aspectos da vida externa **não devem** servir de tema ao aprendiz de poeta.

Do outro lado do mundo, RAINER MARIA RILKE confidencia nas **Cartas a um jovem poeta.**

> *..."os acontecimentos*
> *internos, estes sim, merecem*
> *todo o nosso amor."*

MÁRIO QUINTANA, irritado, no Rio, com a insistência dos repórteres em chamá-lo "poeta provinciano", retrucou:

> *"Sou um poeta do interior, do*
> *interior de mim mesmo."*

São esses fatos, que assomam do antiquíssimo de nós, a meu ver, o germe do verso, a matéria-prima da idéia poética que irá ser desenvolvida pelo poeta pouco a pouco, artesanalmente, como "um carpinteiro trabalhando a tábua". A citação irônica é de FERNANDO PESSOA. (****)

É de palavras, vocábulos, frases que se arma o verso:

> *"Na escolha e disposição delas estará o mais fundo e sutil do mistério poético."* (*Aurélio Buarque de Holanda em* **Território Poético**).

Cada novo poema é algo de único, é um milagre (BREMONT).

Também MÁRIO DE ANDRADE, lá da Paulicéia Desvairada, nos previne do perigo de uma palavra em falso, capaz de sacrificar toda a mensagem.

> *"Ninguém se banha auas vezes nas águas do mesmo rio."*
>
> *(Heráclito)*

É impossível falar de palavras sem citar a incomparável CECÍLIA MEIRELES do "Romanceiro da Inconfidência".

ROMANCE LIII
"Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa!
Sois de vento, ides no vento
no vento que não retorna
e em tão rápida existência
tudo se forma e transforma.
.....
Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa!
Éreis um sopro na aragem...
— sois um homem que se enforca."

> *"Se o cotidiano lhe parecer pobre, não o acuse: acuse-se a si próprio de não ser bastante poeta para conseguir apropriar-se de suas riquezas."*
> *(Rainer Maria Rilke)*

Ao afastarmos do trabalho poético a carga de **inspiração** e tentar substituí-la pela sovadíssima **transpiração,** lembramos que a primeira tem, sem sua origem, uma conotação religiosa.

Encontramo-la citada, originalmente, no Livro de Jó, capítulo 32, versículo 8:

> *"a inspiração do Todo Poderoso nos dá a inteligência."*

O termo "inspirado" é aplicado, vezes seguidas, às Escrituras "que são divinas". O apóstolo refere-se às Escrituras do Velho Testamento, que eram o livro sagrado dos judeus.

Aceitando esta doutrina, o poeta **não** é senhor dos seus versos. Só por inspiração (divina), isto é, em momentos de graça, consegue realizar o poema.

Pertence à ARTUR RIMBAUD, aquele gênio precoce que abandonou a literatura aos 19 anos, depois de uma conturbada ligação com

Alípio Raposo

VERLAINE, um dos mais admiráveis conceitos de poesia: *"Je travaille à me rendre voyant"* (Eu trabalho para me tornar um vidente). O autor de **Illuminations** e do **Batcau Ivre** encara, então, o poeta como um visionário, um iluminado, um vidente.

Já ANDRÉ BRÉTON, chefe da escola surrealista, dá uma ênfase especial ao poder do sonho, à redescoberta do inconsciente e proclama: *"La poésie se fait au lit, comme l'amour"* (A poesia se faz na cama, como o amor).

Não dispondo de meios de cultivar permanentemente a **inspiração,** de "ouvir estrelas" ao meio-dia, o poeta irá apelar para a bebida, a embriaguez, o tema baudelairiano da **ivresse,** que é o segundo item que gostaríamos de abordar aqui.

Nos delicadíssimos **Poemas em Prosa,** escreve BAUDELAIRE a frase tão mal compreendida:

> *"Il faut être toujours ivre, de vin, de poésie et de vertu... à votre guise"* (É preciso estar-se sempre bêbado... de vinho, de poesia e de virtude, à sua escolha)."

Por várias gerações, o patético autor de **Fleurs du Mal** foi tido como um adepto das drogas e do absinto, a exemplo de VERLAINE e de GAUGUIN. Porém nos ensaios **"Les paradis artificiels"** (Os paraísos artificiais) condena o uso da droga e esclarece haver abusado de um certo láudano à base de morfina apenas para aliviar as dores terríveis que sentia e o levaram prematuramente, aos 46, de sífilis.

BAUDELAIRE é taxativo: a mais embriagadora das drogas, a única que pode realmente resgatar do vício o homem e arrebatá-lo até o delírio — é a poesia.

> *"Seule la poésie peut donner à l'individu quelque pouvoir sur cette matière onirique que l'opium dechaîne"* (Somente a poesia pode dar ao indivíduo algum poder sobre a matéria onírica que o ópio desencadeia).

BARBEREAU, professor de Conservatório, teórico e filósofo, nos dá seu depoimento:

> *"Não compreendo porque o homem racional e espiritual se serve de meios arificiais para chegar à* **beatitude poética,** *já que o entusiasmo e a força de vontade são suficientes para elevá-lo a uma existência supra natural. Os grandes filósofos, os profetas, os místicos são entes que, pelo livre exercício da vontade, ascendem a um estado onde são, ao mesmo tempo, causa e efeito, sujeito e objeto, magnetizador e sonâmbulo."*

Não é necessário atravessar-se o oceano, à procura de mais exemplos. Aqui mesmo, o suave pasargadiano MANUEL BANDEIRA dá sua versão de embriaguez:

> *"Uns tomam éter, outros cocaína,*
> *eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria."*
> *(Não sei dançar)*

GUILLAUME APOLLINAIRE, precursor do concretismo brasileiro, com seus poemas gráficos, os **calligrammes,** escolheu um título sugestivo para seu livro de poemas: "Álcools". Isto, porém, não nos deve levar à conclusão precipitada que, afim de se tornar um poeta comunicante, é preciso beber até o arrebatamento, como o fez quase toda uma geração romântica de nossa terra, inclusive CASTRO ALVES. Nada disso. Não é o poeta, repito, é o **poema** que deve trazer em si o poder mágico de inebriar o leitor, de levá-lo ao êxtase ansiado.

Voltemos a RIMBAUD:

> *"Il s'agit d'arriver à l'inconnu par le dérèglement de tous les sans"* (Trata-se de chegar ao desconhecido pela anulação de todos os sentidos).

ALDOUS HUXLEY, no livro **As portas da Percepção,** realiza a experiência pessoal da transcendência pelo uso da mescalina, o alucinógeno já conhecido dos índios americanos, que leva ao estado de hipnose, sonambulismo e às visões aterradoras, como Orfeu descendo ao inferno.

E assim o poeta, liberadas as amarras do tempo e da distância, segue para o nunca-mais, o abismo, o **"gouffre"** de BAUDELAIRE, a estação no inferno de RIMBAUD, utilizando **"pour y trouver du nouveau"** (para ali encontrar o insólito) o haxixe, o ópio, a maconha, o vinho, a mescalina e toda sorte de drogas.

Sabe-se que BAUDELAIRE fez, freqüentemente, o elogio do vinho e que uma seção inteira de **Fleures du Mal** lhe é consagrada. Mas no ensaio a que me referi no início destas notas, ele opõe suas qualidades benéficas ao perigo do haxixe:

> *"Le vin est utile, il produit des résultats fructifiants. Par contre, le haschiche est inutile et dangereux"* (*O vinho é útil, produz resultados frutuosos. O haxixe, no entanto, é inútil e perigoso).*

O Classicismo francês, com seu apelo à razão sobrepujando a emoção, seu zelo pela forma, sua concisão e supremo bom-gosto, tem mais a ver com a posição moderna que, mesmo o enfoque romântico. É de PAUL VALÉRY o lembrete:

> *"Le classicisme c'est le romantisme dompté"* (O Classicismo é o Romantismo domado).

Num rápido *flash-back*, recapitularemos os aspectos primordiais da escola romântica.

O termo "Romantismo" origina-se do francês "roman", romance, definindo a literatura produzida no século XIX na Alemanha, França e na Inglaterra.

Em Portugal, o vocábulo foi introduzido por ALMEIDA GARRET (1825) na obra *Camões*.

No Brasil, só aparece no prefácio de GONÇALVES DE MAGALHÃES à sua tragédia ANTÔNIO JOSÉ, em oposição ao termo "clássico".

Reafirmando uma só concepção literária e artística, uma única atitude em face da natureza, um mesmo estilo poético, o Romantismo, como escola literária e musical, espalhou-se pelo mundo. Suas linhas mestras são:

- . a emoção sobrepujando a razão
- . o transbordar de sentimentos passionais (*"vague des passions"*)
- . a liberação das regras e do formalismo
- . o culto à natureza
- . o nacionalismo arraigado
- . o culto à personalidade
- . escapismo, fuga da realidade, pessimismo e nostalgia do passado.

No começo do século passado, a Inglaterra apresentou três esplendorosos talentos românticos: BYRON, SHELLEY e KEATS.

A França, MUSSET, LAMARTINE e CHATEAUBRIANT, entre outros.

Foi este último que analisou, em **René**, as raízes da melancolia moderna. Por uma espécie de pressentimento, o autor de **Mémoires D'outre Tombe** fez, antes dos outros, uma acurada exegese do **"mal du siècle"** (o mal do século), no qual se deleitaram tantos e talentosos românticos brasileiros: CASIMIRO DE ABREU (**As Primaveras**), ALVARES DE AZEVEDO (**A lira dos vinte anos**), FAGUNDES VARELA (**Vozes da América**). Todos, sem exceção, transbordantes de engenho e arte, boêmios, mortos antes dos 32 anos.

O "mal do século" define-se como um sentimento indefinível de angústia, desesperança, depressão. É um estado d'alma suspiroso, que levou os artistas mais bem dotados de nossa terra à auto-destruição, usando como infortunado modelo o **Werther**, de GOETHE (1774). O herói romântico, desiludido, acaba por suicidar-se por amor, o que detonou na Europa uma série de suicídios dos que sofriam por uma afeição não correspondida.

> *"Mais os povos avançam em cultura e civilização, mais aumenta o estado d'alma mergulhado em 'vagas paixões' (***Vague des Passions***); tudo porque acontece algo bastante triste: ele (o poeta) é enganado, sem haver usufruido tudo; ficam os desejos, mas não se tem mais ilusões. A imaginação é rica, abundante, maravilhosa; a existência, porém, é pobre, seca e desencantada.* **Habita-se com um coração pleno um mundo vazio** *(On habite avec um coeur plein un monde vide) e sem haver esgotado nada, é-se desprovido de tudo."*
> *(Chateaubriand)*

Eis alguns trechos de poemas extraordinários, escritos sob o signo da desilusão romântica, o mal do século:

FAGUNDES VARELA:

"Tudo é luz e esplendor; tudo se esfuma
às carícias d'aurora, ao céu risonho,
ao flóreo bafo que o sertão perfuma!
Porém minh'alma triste e sem um sonho
repete olhando o prado, o rio, a espuma:
— Oh! mundo encantador, tu és medonho!"

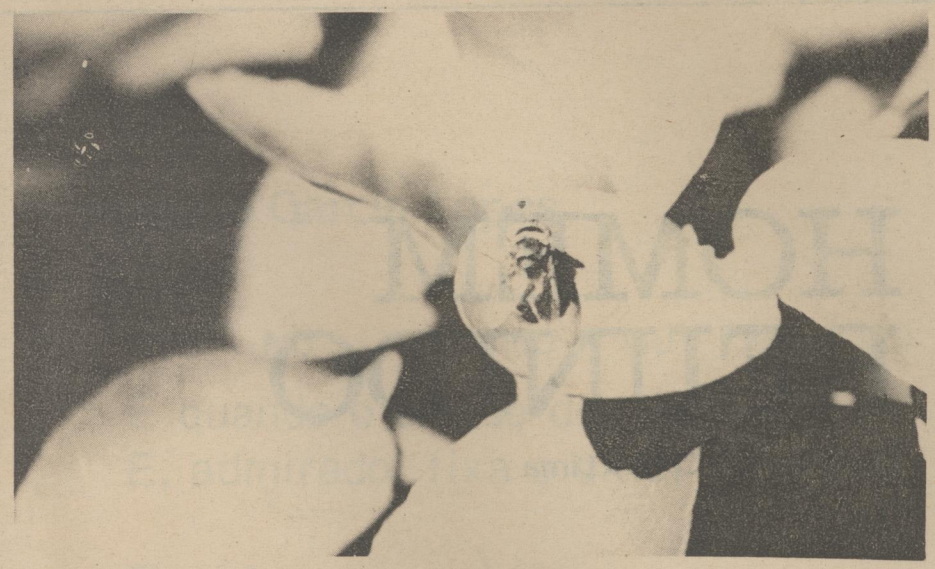
CASIMIRO DE ABREU:

"Oh! que saudades que tenho
da aurora da minha vida,
da minha infância querida
que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
naquelas tardes fagueiras,
à sombra das bananeiras,
debaixo dos laranjais!"

ÁLVARES DE AZEVEDO:

"Se eu morresse amanhã, viria ao menos
fechar meus olhos, minha triste irmã.
Minha mãe de saudades morreria
se eu morresse amanhã!
.....
Mas essa dor da vida que devora
a ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos
se eu morresse amanhã!"

Note-se a insistência dos vocábulos que detectam o estado depressivo: "minh'alma triste", "mundo medonho", "essa dor da vida", a "dor no peito"...



Alípio Raposo

Toda a exaltação amorosa é sublinhada pelo uso e abuso do ponto de exclamação no verso. É o gosto romântico do sublime, do grandiloqüente, do passionalismo exacerbado. Nenhum sentimento se enquadra em sua dimensão exata. Tudo é descrito de forma artificialmente ampliada: a dor, o desamor, o entusiasmo, o arrebatamento.

> *"Je trouvais indigne et je le trouve encore*
> *d'écrire par le seul enthousiasme.*
> *L'enthousiasme n'est pas un état d'âme de*
> *l'écrivain". (Eu considerava indigno e ainda considero, escrever movido apenas pelo entusiasmo. O entusiasmo não é um estado d'alma do escritor).*
> *Depoimento de Paul Valéry.*

Para concluir, o debate entre a abordagem inspirada dos românticos e a visão concreta dos modernos leva-nos de volta à velhíssima querela idealismo x materialismo. A escolha não é maniqueísta. Não se trata de encontrar o bem de um lado e o mal do outro; a ilusão à esquerda e a verdade à direita. Trata-se, isto sim, de uma opção filosófica e existencial entre **tradição** e **vanguarda.**

Renegamos a imagem idealizada do poeta alucinado, infeliz, buscando a auto-destruição pelo desencanto amoroso. .

Lembramo-nos da frase inesquecível de HEINE:

> *"Das minhas penas fiz*
> *canções aladas."*

Este gosto de dar asas ao sofrimento, de maximizar suas penas, de se comprazer na auto-piedade, é impiedosamente criticado por RAINER MARIA RILKE num belíssimo

poema que abre o **Requiem:**

> *"Ó velha maldição dos poetas,*
> *que se lamentam quando deviam dizer,*
> *que sempre julgam o próprio sentimento*
> *em vez de lhe darem forma:*
> *que ainda supõem*
> *que nem tudo o que neles é triste ou alegre*
> *o sabem e o podem lastimar ou celebrar*
> *num poema. Como os doentes,*
> *eles usam a língua cheios de melancolia*
> *para descreverem onde é que lhes dói,*
> *em vez de se transmudarem em palavras,*
> *duramente, como o canteiro de uma catedral*
> *se transpõe com aferro para a eqüanimidade da pedra."*
> *(trad. Paulo Quintela)*

Numa linguagem bem mais simples, FERNANDO PESSOA aborda o mesmo tema:

> *"O poeta é um fingidor.*
> *Finge tão completamente,*
> *que chega a fingir que é dor*
> *a dor que deveras sente."*

Contrariando o posicionamento saudosista, encaramos o poeta de hoje como um escriba, um profissional das letras, ao lado de romancistas, ensaístas, cronistas, novelistas e jornalistas.

Para nós (e PIUS SERVIEN), a poesia é realmente linguagem.

O poeta é o senhor das palavras.

(*) Il faut être fou pour écrire sur la poésie. La poésie se fait, elle ne s'explique pas. Celui qui parle de la poésie este fou parce qu'elle commence où l'on passe dans l'incommunicable."
Louis Aragon

(**) Tu n'expliques rien, ô Poète, mais toutes choses par toi deviennent explicables.
Paul Claudel

(***) Le poète dit tout haut ce que nous pensons tout bas et si mal que nos confuses pensées ne trouvent jamais seules les mots qui les traduisent.
André Gide

(****) "E há poetas que são artistas/e trabalham nos seus versos/como um carpinteiro nas tábuas"...
Alberto Caeiro

Yone Rodrigues (RJ), escritora.

HOMEM REUNIDO

Diógenes da Cunha Lima

Alípio Raposo

Ao lado esquerdo do homem
Abre as fauces o chão abismo,

Ao lado direito erigem
Geómetras a fantasia.

Caminha de pés descalços
No gume azul da navalha

Entre a morte e a maravilha
Ora queda, ora subida.

O equilíbrio diminui
Sangue de velhas feridas.

À sinistra lhe suga o caos
À destra paz e harmonia.

Um anjo atento da guarda
Acende as cores do dia.

A esquerda um decaído
Invade viscoso a noite

É onde a cor não tem luz
E a palavra é sem eco.

No cenário de aquarelas
Ouvimos flores nascendo

É onde a palavra é rara
E se faz rede o arco-íris.

Sobre a lâmina fronteiriça
Caminha o homem ao sol posto

Oscila, treme, deseja,
Domina a cosmonomia

Quer ser herdeiro de estrelas
Não manda no próprio vício.

Afasta os pés, a navalha
Biparte o homem, são bandas:

Uma pras vísceras do horror
A outra, inútil, se abisma.

O homem, enfim, reunido.

Diógenes da Cunha Lima (RN), poet presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras.

Rodrigo Garcia Lopes

ORAS ORAS ORAS ORAS ORAS

para Arnaldo Antunes

Não –
É coisa que se diz.
Tudo que se diz
reluz?
Má
é uma palavra boa.
Bobagem é tudo que se diz.
Toda palavra traz sua cicatriz,
como se diz,
cada verso encadafalsa uma ausência,
uma coisa à toa,
uma dor de siso.
Já –
é coisa boa.
Boa se agora.

MU MU MU MU MU MU MU

É quando o céu se distrai
E, admirado, fixa o olhar

Em algo ainda por cair.
Prata fictícia, ornamento da mente

A neve visível e real. Sábia,
Por se saber assim.

Então a memória, ignorante, captura
O que o sentido perdera.

Como um vazio que contempla
Sua própria rachadura.

EPIFANIA EPIFANIA EPIFANIA

é preciso um impulso
um pensamento avulso
para preencher a página

pode ser mágica
ou ser só mera lágrima
— mímica concisa

vale enquanto pesa
esse segundo preciso
raro como pedra

SOFT RAIN, HIGH GRAIN SOFT RAIN, HIGH GRAIN

perdido entre pedras clássicas
me movo de novo
pelas aléias e aldeias

trago orquídeas mínimas
um gosto, um clima
perdido entre o erro e a rima.

êxtases, ideogramas, essas minúcias
de pedra rara em imã, no afã
de vê-la estilhaçar

– ocluso entre palavras –
que se dissolvem como sal,
assim, ao menor sinal.

Rodrigo Garcia Lopes (PR), poeta, ex-co-editor do jornal **Nicolau, edita o** jornal laboratório **Pretexto,** do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Londrina.

JOÃO BATISTA B. DE BRITO

Leitura e poesia num mesmo gozo

Hildeberto Barbosa Filho

Fotos de Alípio Raposo

Com **Poesia e Leitura: os percursos do gozo,** João Batista B. de Brito faz a sua estréia em livro e inaugura — o termo é bem este — uma nova postura exegética face ao texto/poético, no pequeno cenário da crítica literária paraibana. Digo que inaugura porque antes este terreno dos estudos literários se achava sob o domínio do impressionismo ilustrado ou de determinismo positivista, ambos eruditos mas carentes, por uma questão de metodologia ou de enfoque, dum tratamento que respeitasse a especificidade da expressão literária.

A estas correntes críticas não interessava o texto literário enquanto estrutura lingüística fundadora de sentidos; enquanto ser de linguagem; enquanto fenômeno que tem sua singularidade no espessamento da palavra e na opacidade do discurso; mas, paradoxalmente enquanto documento de reprodução da vida social ou enquanto caixa de ressonância para os "delírios" emotivos de "bom gosto" deste ou daquele leitor. O texto funcionava como um pretexto para ilações de ordem cultural e psicológica, sem que lhe fosse desvendado, no processo de leitura, o mecanismo estético de sua elaboração peculiar. A relação com o texto partia de instâncias intuitivas, vezes revestidas de um saber autodidata que denunciava certa intimidade com os chamados "clássicos", ou de simples argumentos fundados num cientificismo anacrônico e demodé, voltado para a pesquisa do biológico, do hereditário, do biográfico, etc... Quem se dispuser a verificar um conjunto de estudos sobre a poesia de Augusto dos Anjos, por exemplo, perceberá o quanto estou com a razão.

É, portanto, contra esta tradição, não de todo desaparecida, que os exercícios de leitura de João Batista B. de Brito, reunidos no seu primeiro livro, vêm reagir. Reagir ao mesmo tempo em que inaugura — repito — uma nova postura exegética face ao texto poético (poético, uma vez que, de certa maneira a prosa de ficção já mereceu um tratamento mais rigoroso do ponto de vista da Teoria Literária por parte de outros analistas).

Mas em que consiste a novidade do trabalho crítico deste novo autor?

Em primeiro lugar penso na relação que ele (João Batista) mantém com o **método** na qualidade de estratégia indispensável ao contato do leitor com o texto poético. Sem excluir o momento inicial — diria a instância deflagadora — da primeira impressão, da primeira experiência lúdico-estética resultante da primeira leitura, cabe ao crítico munir-se de um método adequado, fundado naturalmente em princípios da moderna Teoria Literária, para, à proporção que for descrevendo os procedimentos internos de estruturação textual, vá também, por sua vez, confirmando aquele efeito estético perceptível ao primeiro nível de leitura. Perceptível mas certamente ampliado com a técnica de leitura que veio confirmá-lo. Atento ao método, mas nunca o colocando **a priori** como chave eficaz e única para a decodificação de qualquer texto. Atento ao método, mas respeitando o texto; o método enquanto meio, não como fim, eis o que marca a tarefa analítica deste leitor paraibano.

Já na **Introdução,** o autor explicita sua posição diante desta problemática, reivindicando um "método de análise que seja capaz, pelo menos até onde isso é possível, de revelar os componentes textuais e demonstrar os processos estruturais que estão a fundar a impressão". Nesse caso, acrescenta, "o método seria, neste sentido, um instrumento de análise mas também, no caso da crítica sobretudo, um meio de comprovação e convencimento".

Ora, respeitando a intuição do leitor e caracterizando bem a natureza instrumental do método, João Batista B. de Brito — e aqui vale o lugar comum — mata dois coelhos com uma cajadada só. Por um lado, valoriza a sensibilidade e o imaginário do leitor, aliás, fatores que só fazem fertilizar e enriquecer a aventura do ato de ler; por outro, não descarta a necessidade do rigor que o método bem usado só termina por imprimir no tempo/espaço da leitura. E assim conjuga, na elaboração do seu discurso crítico, inventividade e competência.

É certo, contudo, que o reconhecimento do método levou João Batista, em certos momentos, em certas leituras, a sucumbir sob a pompa da terminologia e da pretensa infalibilidade de alguns percursos decodificadores que amarram o texto, em lugar de libertá-lo em sua extraordinária mobilidade semântica. Aqui, encontro-me com um leitor já predisposto, armado, crente, seduzido por categorias e técnicas operativas que almejam ser, numa relação meramente especular, confirmadas pelo texto. Mas, me parece, ele mesmo esteve atento para o fato, quando se refere, ainda na **Introdução,** à diferença de datas em que as análises foram feitas. Em leituras como "John Donne e a Meta(física) do Amor"; "Charles Tomlinson: a paisagem como actante"; "Da Obra Inglesa de Fernando Pessoa: Anotações para uma leitura de SONNET XIV", e, em certo sentido, "Manuel Bandeira Concretamente", o ranço cientificista culmina por fazer silenciar o leitor na medida mesmo em que faz falar sobretudo o método. O método e todo um recheio erudito de referências bibliográficas certamente deslocado do ritmo normal e sedutor que uma boa leitura deve conter. Todavia, tais senões não chegam a comprometer o projeto, coeso e evolutivo, que lastreia o sistema geral desta obra de análise. Visto por um outro ângulo, ao contrário, enunciam e desvelam, como o próprio crítico dispõe na **Introdução,** os percursos sinuosos do seu aprendizado, do seu crescimento, da sua evolução neste campo especial do saber. Nesta perspectiva, mais que arestas de uma **praxis** analítica rigorosamente assumida, tais momentos, inseridos no conjunto, vêm condicionar mais um aspecto organísmico da unidade e composição do programa de leitura que "Os Percursos do Gozo" concretamente materializa. O fato é, na verdade, uma comprovação de humildade, naquilo de positivo que este signo pode encerrar; de honestidade intelectual e, sobremaneira, do visível caráter pedagógico assumido pela obra.

Antes de passar para outro tópico, convém ressaltar que o método basicamente adotado por João Batista B. de Brito, nas suas leituras, tem suas raízes numa fundamentação de ordem semiótica. Conceituando o texto poético como "um entrecruzamento de códigos (do fônico ao ideológico) de cuja articulação, virtualizada na imanência de sua forma, depende uma apreciação plena", o crítico faz funcionar o método na distribuição de três etapas (nem sempre estanques, nem sempre lineares) constitutivas do processo de leitura: **intuição, descrição e interpretação.** Desse modo a leitura vai se constituindo a partir de uma lógica rigorosamente sistemática em que a iluminação de

Alípio Raposo

uma competência desveladora se soma o prazer de se penetrar na intimidade estética do texto. Particularmente de certos textos poéticos empaticamente selecionados pelo crítico-leitor. E aqui já estou me aproximando do segundo ponto que indicia a novidade no trabalho de João Batista B. de Brito.

Ora, sabemos que a crítica literária não opera sem que se fundamente num certo conceito de literatura. Qualquer corrente formaliza o seu método, explícita ou implicitamente, numa concepção do fenômeno literário, entrevisto a partir de sua relação de conformidade ou de ruptura com os padrões estéticos e culturais de sua época. Há, por conseguinte, uma crítica que tende a encaminhar a sua análise e o seu julgamento para o território da conformidade, da mesma forma que uma outra comprometida com a ruptura e a inventividade. Uma, tendente a valorizar o texto que se põe de acordo com o dado, o estabelecido; outra, totalmente sintonizada com o texto que rompe com a tradição, que instaura a rebeldia estética.

Se compulsarmos os poetas, quer na parte intitulada **Poesia Anglo-Americana,** quer na intitulada **Poesia Luso-Brasileira,** objetos de estudo do crítico paraibano, logo veremos que a João Batista B. de Brito interessa os "mestres" e os "inventores", para me valer das categorias poundianas. Isto é, sua preocupação está voltada para aqueles textos que, se apresentando como "um entrecruzamento de códigos", de acordo com a visada semiótica, rompem com a convenção estético-literária e reinventam modelos e padrões. Seria o caso, no espaço da poesia anglo-americana, de John Donne, Robert Browning, Charles Tomlinson, Walt Whitman, E. E. Cummings, W. H. Auden e Emily Dickinson, como no âmbito da poesia luso-brasileira o caso de Fernando Pessoa e Manuel Bandeira, da mesma forma que os poetas locais, a exemplo de Augusto dos Anjos, Sérgio de Castro Pinto, Marcos Tavares, Antonio Morais de Carvalho, Lúcio Lins e Vanildo Brito.

A uma poética da invenção, parece sugerir o crítico-leitor, deve corresponder uma crítica da invenção. Uma crítica que saiba capturar, no espaço intertextual, os mecanismos de reinvenção do material lingüístico e dos códigos técnico-literários, especialmente aqueles que são recondicionados em função de novos usos e de novos reajustamentos. O estudo do "rendimento da forma fixa", na poesia de Vanildo Brito, é bem ilustrativo do que estou dizendo. Reafirma ainda mais o sentido de apreensão do inventivo, na crítica de João Batista, a pesquisa da motivação dos signos, especialmente na leitura dos fragmentos poéticos de Marcos Tavares, como de certa forma a percepção parodística subjacente ao texto de Lúcio Lins, como a própria confrontação da intertextualidade, da polifonia, do dialogismo, das noções de vazio e abertura, sempre a permearem os enfoques isotópicos que o crítico constrói na sua arte de leitura.

A inventividade do texto poético é, pois, um convite/desafio a inventividade crítica do leitor. Isto João Batista B. de Brito assimilou como poucos. Por isso, salvo alguns exemplos de que falei, suas leituras se constituem como verdadeiros encontros de prazer que o leitor pode vivenciar. O prazer, aqui, não só advém do contato com o texto poético deste ou daquele autor, mas também, e de modo todo especial, do texto poético que se faz e refaz com a co-autoria do crítico.

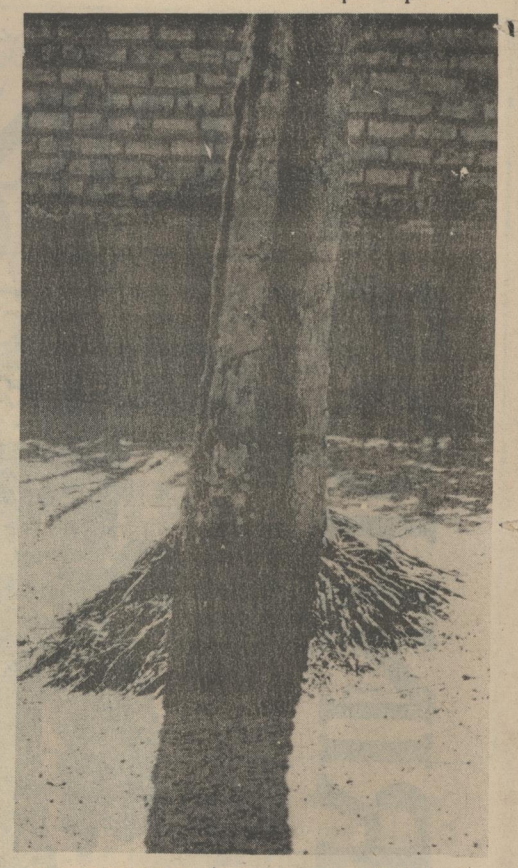
A perspectiva sincrônica, no focar o texto poético, configura um outro registro de inventividade no circuito da leitura empreendida por João Batista. Centrando sua preocupação analítica nos resultados de ruptura que a matéria textual apresenta, o crítico não somente enriquece, na medida em que reatualiza, o fato poético desta ou daquela época, mas, o que me parece importante no espaço da sincronia, insere poetas de tempo histórico diferente, num mesmo tempo a que poderia nomear de tempo estético, propondo, implicitamente, uma nova conceituação para a categoria da contemporaneidade. Desta forma, para o tempo muito singular da poesia, e não para o tempo linear da história, um poeta como John Donne é tão contemporâneo de Vanildo Brito, como o poeta Antonio Morais de Carvalho o é, por sua vez, de Walt Whitman. Isto porque, à fisgada exegética do autor, sem desservir certamente o objetivo da contextualização estético-cultural, importa, sistemática e particularmente, a operação inventiva que o texto poético demonstra, como uma resultante natural de uma atitude de inquietação do poeta face aos dados da linguagem.

Realiza, portanto, João Batista B. de Brito uma crítica eminentemente descritiva, mas descritiva do dado novo, do dado da invenção. E é justamente por este motivo que, mesmo privilegiando o momento da análise, da análise minudente, metódica, exaustiva, o crítico não se omite, como ele próprio pensa nos dar a entender (vide ainda a **Introdução**) diante desta etapa delicada da tarefa crítica: **o julgamento.** Só que o autor não julga no vazio, de modo aleatório, sem que a sua impressão não seja exatamente testada e conferida pelo rigor e completitude da análise. A uma angulação sincrônica não pode escapar a questão do julgamento, implícito de logo na escolha e reforçado pelas estratégias comparativas a que não consegue fugir a leitura crítica. O fato, me parece, evidencia-se claramente em **Poesia e Leitura: os percursos do gozo.**

Agora posso me deter no quarto ponto que corrobora definitivamente a marca da novidade na obra comentada. Penso especialmente naquilo que estou chamando de **metacrítica de si mesmo,** tão bem realizada em "Augusto dos anjos: um Depoimento de Leitura".

Mais do que em qualquer leitura, é precisamente aqui que João Batista B. de Brito nos dá conta do seu engenho e da sua criatividade. A partir da releitura de três versos de "Mistérios de um Fósforo" ("Que mão sinistra e desgraçada encheu/ Os olhos tristes que meu pai me deu/ De alfinetes, de agulhas e de pregos?!"), vai rastreando hipóteses para fundar uma isotopia de leitura que dê conta, sobretudo a nível estilístico, da poética augustiniana. De certo modo desvendando a lírica extraordinária deste paraibano e desvendando, internamente, os caminhos de sua descoberta, através do reencontro, ou seja, desvendando

Alípio Raposo



os percursos do seu gozo de leitor arguto, o crítico vai criticando a obra poética ao mesmo tempo em que se critica a si mesmo, na medida em que, qual um narrador onisciente, narra o seu processo de leitura, devassando o interior do seu próprio procedimento. A metacrítica, neste passo, enriquece sua tensão intertextual, uma vez que discretamente aponta para as possíveis lacunas de leituras anteriores, mas também alarga o sentido pedagógico que este modelo de abordagem termina por gerar. Isto sem que eu me reporte ao mais óbvio, a saber, a brilhante originalidade desse percurso!

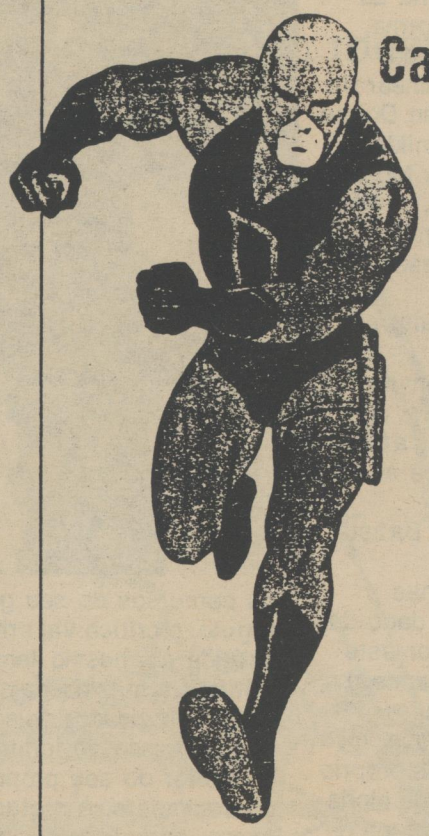
Não poderia concluir este comentário sem me referir, a toda uma defesa que João Batista B. de Brito, com seu livro, termina por fazer em nome de certa leitura do texto poético. Da leitura, penso eu, como um diálogo vivo e dinâmico, motivado pela obra, entre leitor e autor. Um diálogo que pressupõe respeito, conhecimento e sobretudo criatividade. Um diálogo que não seja inocente, que não seja passivo, que não se esgote tão somente numa simples decodificação, mas que se faça um instante especial em que o leitor, lendo a obra, leia também a si mesmo e ao mundo; em que o leitor, lendo a obra, consiga refazê-la, invadi-la com novos sentidos, recriá-la como um verdadeiro co-autor. Se possível, amá-la... Só assim, penso, diria João Batista B. de Brito, teria sentido a paixão do ato "deliciosamente doloroso de ler".

Hildeberto Barbosa Filho (PB), poeta, professor do Departamento de Letras da UFPB.

QUADRINHOS + CINEMA

Uma Eterna História de Amor

Alberto Júnior



Cartão de Identidade Dos Heróis 23

Nome do herói: Demolidor
Nome verdadeiro: Matt Murdock
Filiação: Batalha e Sara Murdock
Natural de: Nova Iorque
Estado civil: solteiro

ASSINATURA DO HERÓI

IMPRESSÃO DIGITAL

"O Demolidor"

"Do you remember Dick Tracy?" Quem faz a pergunta é Roger Waters (o genial ex-PINK FLOYD) na música título do seu disco solo de 1984 — "The Pros And Cons of Hitchhiking" (Os Prós e Contras de Pegar Carona). Pois bem! Agora, em 1990, quem não lembra mais do famoso detetive (criação de Chester Gould) surgido nas histórias em quadrinhos nos anos 30 — ou aqueles que sequer nunca ouviram falar dele — tem um encontro marcado com o próprio (desta feita em "carne e osso") nas telas do cinema. Dick TRACY — o filme — vem confirmar o grande momento por que passa essa relação (quase) platônica entre as histórias em quadrinhos e o cinema.

Encontramos já na pré-história do homem indícios de uma forma de comunicação através de desenhos seriados gravados nas paredes das cavernas. Num salto até o antigo Egito (1.500 a.c.), certos trechos do LIVRO DOS MORTOS fornecem o mais remoto exemplo de histórias figurativas cujas cenas além de se ordenarem em faixas sucessivas, traziam o texto (ideográfico) se situando no interior da imagem — à equivalência dos "balões" com textos nos quadrinhos atuais. Na Idade Média haviam os painéis das igrejas e as minuciosas ilustrações das "iluminuras" que contavam o desenrolar de fatos bíblicos através de séries de pinturas e desenhos. Em 1827 verficamos um grande avanço com as histórias publicadas quase clandestinamente, na Suiça, por Rodolphe Toepffer. Texto integrado à imagem, variações de ângulos e enquadramentos, montagem, tudo isso já estava presente na obra de Toepffer, antecedendo em três quartos de séculos as características das histórias em quadrinhos modernas. Exatamente em 1896 isso vem acontecer com a publicação no jornal WORLD das tiras de YELLOW KID, criação do desenhista Richard Outcaut, seguido de perto pelos SOBRINHOS DO CAPITÃO, criado e desenhado por Rudolph Dirks. Surgia assim os "comics" — designação das histórias em quadrinhos nos Estados Unidos, sua terra natal. A partir daí seu desenvolvimento é estupendo, sendo uma das formas de cultura de massas mais avidamente consumidas.

Já o cinema aparece, significativamente, nesta mesma época, com seu desenvolvimento definitivo a partir de 1895 através da invenção do Cinematógrafo pelos irmãos Lumiére. Desde então os dois gêneros artísticos iniciaram um "flerte" com trocas mútuas de soluções estilísticas ao longo do tempo, culminando com a transposição para o cinema de personagens dos quadrinhos (O PEQUENO NEMO, de Winsor Mccay, 1909) e vice-versa (O GATO FÉLIX, de Pat Sullivan e Otto Messmer, 1921, primeira adaptação de uma personagem do cinema — um desenho animado — para uma história em quadrinhos).

Tanto os quadrinhos como o cinema também se valeram das experiências da pintura e das descobertas da fotografia. Entretanto souberam aplicar originalmente as soluções tomadas de empréstimo, criando convenções próprias como os sígnos gráficos das histórias em quadrinhos universalmente assimilados, chegando a transformarem-se em ícones da cultura pop, inclusive com lugar garantido nos sagrados templos das artes — os museus — quer em forma de revistas mesmo ou em telas enormes e supervalorizadas do artista plástico Roy Lichtenstein.

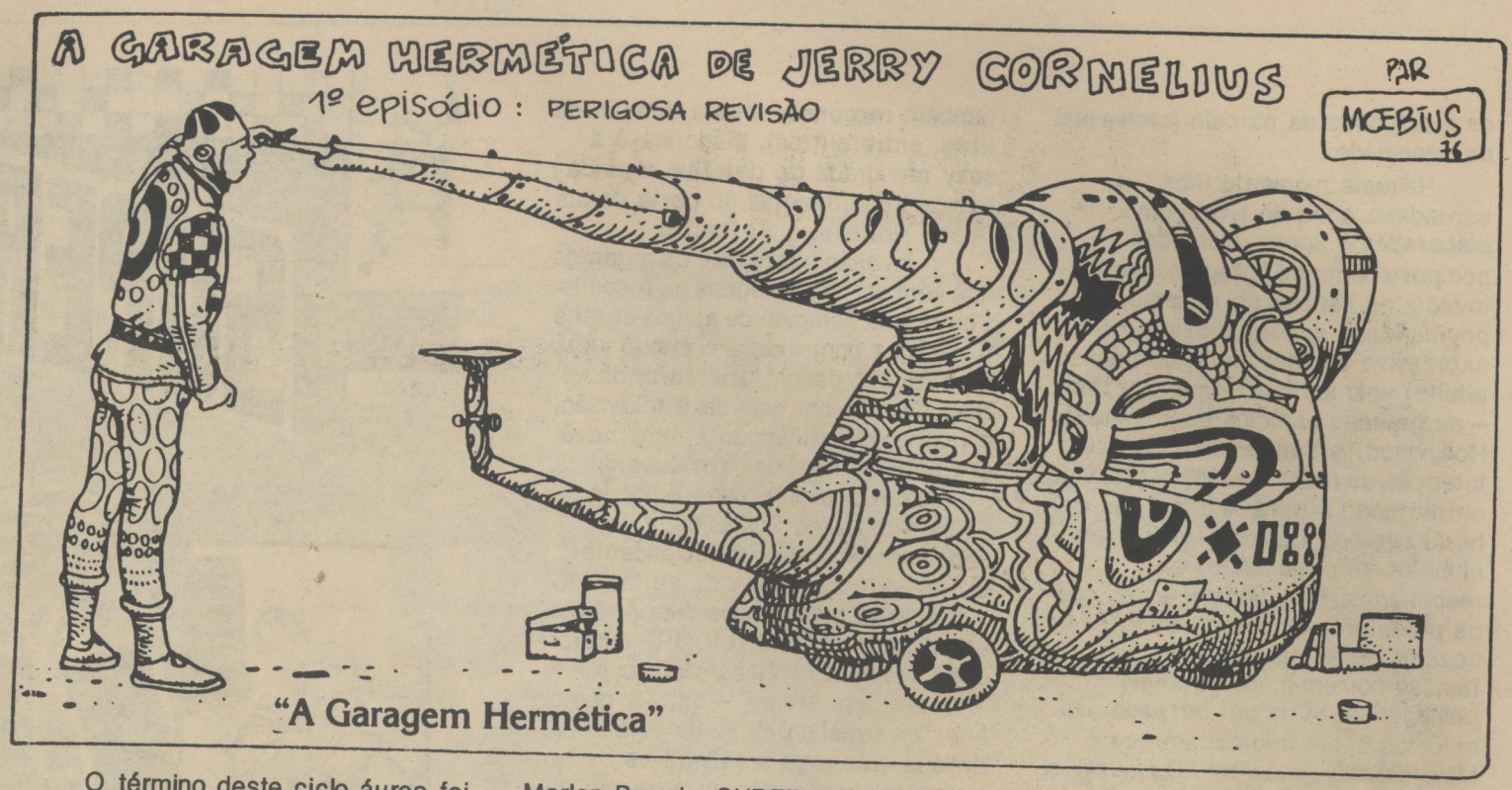
Apesar disso tudo, as histórias em quadrinhos durante certo tempo foram estigmatizadas, consideradas sub-cultura por se valerem de uma linguagem simples, de certa forma "rígida", "conformista". Puro preconceito! Evidentemente não partilhado pelo público que cada vez mais ampliava as hostes dos amantes da "nona arte", sujeita, como as demais formas de expressão, à veiculação de obras medíocres, desprezíveis.

Na verdade os quadrinhos têm sido um dos veículos de manifestação

artística mais revolucionários deste século, a despeito de todo o poderio dos recursos tecnológicos de outros meios, o que já caracterizaria um paradoxo histórico. Os quadrinhos precederam o cinema na invenção do grande plano, da imagem cinemascópica e do movimento. Cineastas famosos reconhecem isto (Fellini, Resnais). Guido Crepax com sua sensualíssima VALENTINA (entre outras criações) antecipou-se nos quadrinhos ao trabalho que Resnais, Godard, Truffaut e Antonione fizeram no cinema. Em CIDADÃO KANE, uma das obras-primas do cinema neste século, Orson Welles se inspirara nos enquadramentos dos quadrinhos do mestre Will Eisner. Seria oportuno informar que antes de serem filmadas, as imagens dos filmes passam por um estágio de descrição de cenas chamado "storyboard" que é pura história em quadrinhos. Na publicidade e nas séries para televisão também é assim.

No aspecto semântico, na abordagem dos assuntos mais diversos, os quadrinhos transcendem suas limitações materiais através de uma exploração absoluta de suas possibilidades de expressão. Isto se verifica notadamente a partir dos anos 60 com o aparecimento das publicações "underground" — gibis marginais com conteúdo voltado para a contestação da vida tradicional e a pregação de um mundo novo, melhor, quase sempre regado à drogas, música pop e sexo, bem de acordo com o espírito da época. Bastante representativa deste período de importante evolução temática é BARBARELLA (1962), de Jean-Claude Forest, história em quadrinhos concebida para um público adulto dentro de uma atmosfera que misturava fantasia com erotismo. Esta "ninfomaníaca cósmica" foi interpretada no cinema (1967) por Jane Fonda, que com este trabalho foi catapultada para o estrelato e acabou se transformando em símbolo sexual da geração da "contra-cultura".

Através desses anos todos, o cinema tem procurado explorar este fascínio que os personagens dos quadrinhos provocam no público. Nem sempre as tentativas eram bem sucedidas quando se tratava da adaptação de super-heróis das revistas, pelo motivo óbvio da deficiência tecnológica que impedia a realização de efeitos convincentes. A despeito disso, prá garotada da época (1930/40) tudo era um delírio e as matinês concorridíssimas; originando daí os seriados do tipo "continua na próxima semana", garantindo público cativo. TARZAN, FLASH GORDON, BUCK ROGERS, CAPITÃO MARVEL, SUPERMAN, FANTASMA, BATMAN, DICK TRACY, são alguns dos seriados desta era de ouro que passaram a ser conhecidos como os "gibis do cinema".



"A Garagem Hermética"

O término deste ciclo áureo foi marcado pelo advento da televisão (1951/57) com a série AS AVENTURAS DE SUPER-HOMEM. Em 1966 estreava a série de BATMAN na TV, que fez a cabeça da garotada (inclusive no Brasil) sendo exibida até hoje em nosso país — atualmente pelo SBT. A série não primava pela lealdade ao espírito original do personagem, de características sóbrias, apelando para um formato cruzado entre aventura e comédia do tipo "pastelão". Mas a gurizada estava pouco se importando e curtia ao máximo as peripécias da "Dupla Dinâmica". A trilha sonora da série, que já vinha impregnada da nascente onda psicodélica, virou hit.

Nos anos 70 novos seriados para TV com personagens dos quadrinhos tentaram repetir o sucesso de BATMAN — TARZAN, MULHER MARAVILHA, HOMEM-ARANHA, CAPITÃO MARVEL, HULK. Mas as alterações verificadas no tratamento do BATMAN voltaram a se repetir com os novos personagens, numa época que já não era mais possível enganar os agora espertos telespectadores.

Desde então os projetos para a televisão foram engavetados. Foi preciso que a tecnologia moderna propiciasse os espetaculares efeitos que hoje presenciamos graças as técnicas de animação aliadas a sofisticados computadores, para que os filmes pudessem encantar as novíssimas e exigentes gerações de jovens que voltaram para as salas dos cinemas, desta vez com a companhia dos tarimbados adultos que foram "ludibriados" quando pequenos.

Esta época é inaugurada a partir de GUERRA NAS ESTRELAS (1977) que traz efeitos de naves voadoras e guerras espaciais fantásticos. Assim, a um custo de 70 milhões de dólares e com um astro do porte de Marlon Brando, SUPER-HOMEM baixa de novo na Terra — voando maravilhosamente. Um sucesso, que para compensar os custos teve mais três episódios. Estava de novo aberto o filão e Hollywood não perdeu tempo Mas apesar dos novos recursos disponíveis, a safra seguinte de filmes que adentravam a década de 80 foram desastrosos: BUCK ROGERS, FLASH GORDON, SHEENA, SUPERMOÇA, ANNIE. Havia algumas excessões como GREYSTOKE (A LENDA DE TARZAN), CONAN, POPEYE (que revelou o ator Robin Williams — "Bom dia Vietña", "Sociedade dos Poetas Mortos") e HEAVY-METAL, um desenho animado que traz a adaptação de quatro HQs americanas da revista "Heavy-Metal", nos conduzindo a um universo de magia e fantasia indescritíveis.

O público mais atento às investidas do cinema estava a esta altura escaldado e portanto desconfiado. Até que surge uma luz no fim do túnel: as histórias em quadrinhos que desde o final da década de 70 haviam caído em completo marasmo, (com raras excessões), resurgiram em meados da década de 80 com força total. O principal responsável por isto foi Frank Miller, que com suas HQs do DEMOLIDOR, BATMAN (O Cavaleiro das Trevas) e ELEKTRA ASSASSINA, caiu como um torpedo no mundo dos quadrinhos. Com sua visão acre do mundo contemporâneo em que sequer perdoa o verme mais insignificante de seu merecido castigo, Frank Miller — soberbamente assessorado pelo magnífico ilustrador Bill Sienkiewicz (DEMOLIDOR e ELEKTRA) — nos apresenta um Batman decadente, enfrentando este nosso velho mundo pós-punk em que a política suja, mais do que nunca, dita suas regras implacavelmente. ELEKTRA, a despeito de tanta violência (traço marcante do Frank Miller), trafega numa atmosfera surrealista onde a mais concreta realidade pode facilmente desmanchar no ar. Qualquer semelhança com o mundo real pode não ter sido mera coincidência...

Miller visava atingir um público mais escolado, tendo na platéia adulta seus leitores em potencial. Com isto pretendia atrair o respeito para com

"Watchmen"

os quadrinhos da parcela intelectual da sociedade.

Naquele momento uma verdadeira onda de HQs bem elaboradas — agora chamadas pomposamente de "graphic novels" — invadia as bancas de revistas. Essa popularidade dos quadrinhos (com expressivo alcance junto ao público adulto) veio motivar — uma vez mais — os grandes estúdios de cinema de Hollywood. A Warner anunciou sua intenção de rodar BATMAN e foi logo enfrentando a cara feia dos fãs do herói que nos Estados Unidos têm clubes bem organizados e respeitados. Eles tinham receio que os produtores quisessem inverter novamente as características do famoso homem-morcego; mais palhaçadas. Seria um fracasso. Os estúdios então informaram que o filme seria baseado em "O Cavaleiro das Trevas" (Frank Miller) e "A Piada Mortal" (Allan Moore), dois episódios acima de qualquer suspeita que sem dúvida resgatariam o prestígio do herói — abalado pelas representações anteriores. O projeto foi tratado com todo carinho; superprodução, com elenco de famosos atores — jamais visto em qualquer coisa já produzida a partir de história em quadrinhos — e pessoal técnico do mais alto nível. O resultado foi um estrondoso sucesso, com recordes de bilheteria sendo batidos como há tempos não se via. Muito embora o filme tivesse lá suas incongruências — a sobriedade cedeu lugar ao espetáculo (briguinhas de herói e bandido com direito aos beijos da garota mais bonita da cidade) — o que, de certa forma, não comprometeu a fita. Para tanto basta recordar o brilhantismo do design (a partir da vestimenta do próprio Batman ao clima noir dos cenários expressionistas criados pelo desenhista britânico Anton Furst), os efeitos de cenas, sem esquecer de mencionar a arrebatadora atuação de Jack Nicholson no papel do Coringa. Cult-movie.

Mas BATMAN foi apenas a ponta do "iceberg". Seu sucesso apressou a gestação de projetos semelhantes de filmes baseados em HQ. Não podia ser diferente. Vale ressaltar que em comum com o filme do "morcego", as companhias informam do alto nível de produção dos novos projetos, o que nos leva a acreditar em verdadeiras pérolas cinematográficas para este início de década.

Dentre os títulos anunciados para produção, um já foi finalizado e estréia em breve no Brasil. Trata-se exatamente de DICK TRACY. A julgar pelo "treiller" exibido na TV, os produtores não brincaram em serviço e nova bomba vem por aí. Visual refinadíssimo, ultra chic, realçado por uma fotografia límpida que registra cenas magnificamente desenhadas. O elenco é outro show à parte: Warren Beatty interpreta Dick Tracy (sendo também responsável pela direção do filme, entre outros), Madonna é a sexy namorada do detetive e ainda tem-se coadjuvantes do porte de um Dustin Hoffman e Al Pacino.

A invasão continua e os petardos que vêm por aí são dignos de respeito. Segue uma listagem de alguns desses filmes que com toda a certeza serão as atrações da próxima safra de lançamentos em cinema e televisão, e marca, definitivamente, uma nova era para as histórias em quadrinhos.

Nos Estados Unidos a TV já exibe a série do SUPERBOY (o super-homem quando adolescente), escrita por roteiristas da editora DC — o quartel general dos super-heróis americanos. O DEMOLIDOR — o herói cego também conhecido como o "Homem sem Medo" — estréia neste ano. Um seriado produzido para a TV italiana traz para a telinha as aventuras recheadas de erotismo da musa dos quadrinhos VALENTINA (criação do desenhista Guido Crepax) na pele da gatíssima Demetra Hampton, que esperamos não demorar muito para chegar até nós.

Para o cinema anuncia-se A GARAGEM HERMÉTICA, longa-metragem de animação baseado na história do maravilhoso

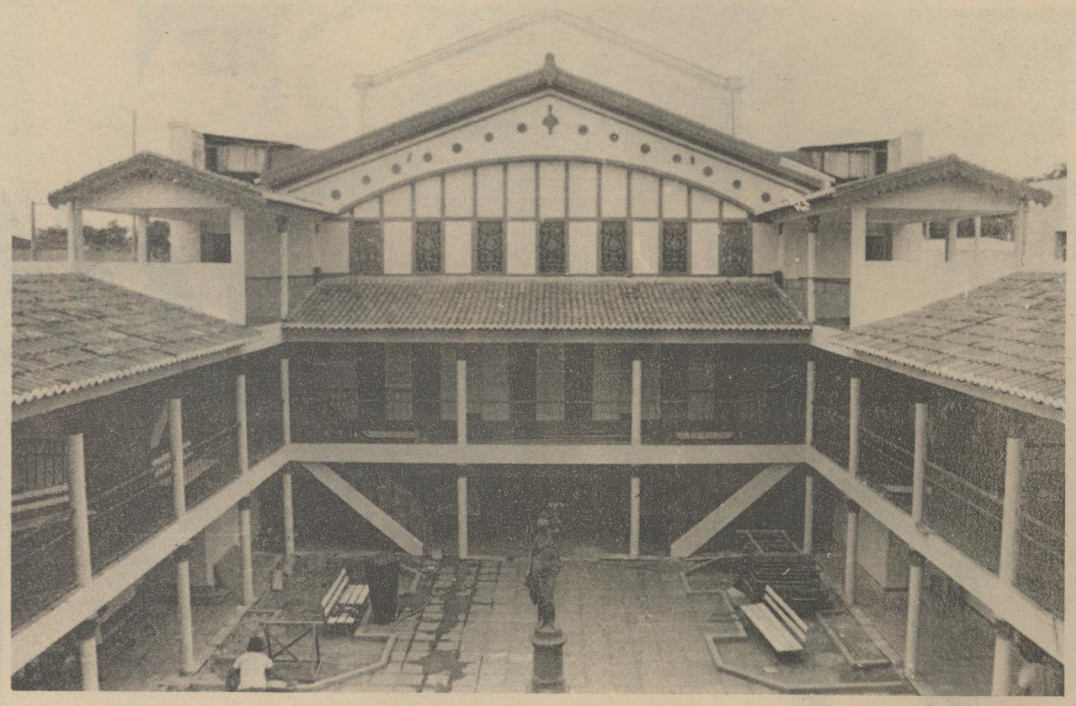
"O Demolidor"

"Superboy"

Moebius, a ser produzido no Canadá, que traça a crônica burlesca de um personagem através de fluidas galáxias. Puro surrealismo! Na Austrália já foi rodado O JUSTICEIRO, com o **mister** Dolph Lundgren no papel principal. HOMEM-BORRACHA está sendo filmado sob a direção de Joe Dante. Também começaram as filmagens de SARGENTO ROCK com um outro **mister**, neste caso o Arnold Schwarzenegger, no papel título. E é do mesmo produtor de SARGENTO ROCK (o Joel Silver — que foi ainda responsável pela produção de EXTERMINADOR DO FUTURO, com o mesmo Schwarzenegger) mais duas pérolas desta coleção: os pré-históricos FLINSTONES em versão de "carne e osso", com Jim Belushi no papel de Fred e Rick Moranis no de Barney; e aquele que promete causar furor nas platéias de todo o mundo — WATCHMEN, obra-prima de Alan Moore (mesmo autor de "A Piada Mortal" que serviu de referência para BATMAN) até pouco tempo sequer com elenco escalado. O roteiro, a cargo de Sam Hamm (BATMAN), não se prendeu ao episódio dos quadrinhos; aporta numa realidade alternativa, onde os Estados Unidos venceram a guerra do Vietnã e os super-heróis foram banidos. Alan Moore se inspirou em acontecimentos reais para compor sua brilhante "graphic novel". É fato o aparecimento de indivíduos fantasiados, sob a proteção de máscaras, na cidade de Nova York nos idos da década de 30, dizendo-se vigilantes da ordem pública. Estes super-heróis de verdade — coincidentemente (?) surgidos no período em que foram criados os super-heróis dos quadrinhos — tiveram existência atribulada e foram tema de matérias exóticas nas páginas policiais dos jornais da época. Como se não bastassem estas informações para deixar nossa imaginação à mil, Sam Hamm ainda causa polêmica por não querer abrir mão da impropriedade para menores de 18 anos. Tudo isto, aliado a uma certa propensão do diretor Terry Gillian de pintar uma atmosfera futurista opressiva, dá prá sentir o que vem por aí. Só precisamos suportar a angústia da espera.

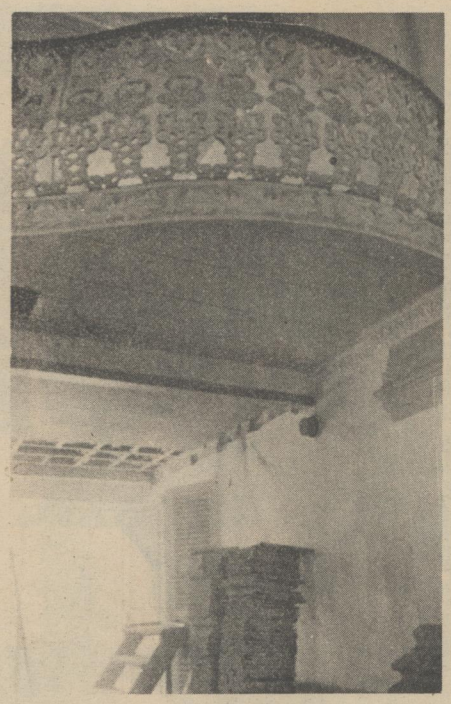
Alberto Júnior (PB) é artista plástico, cineasta e médico veterinário.

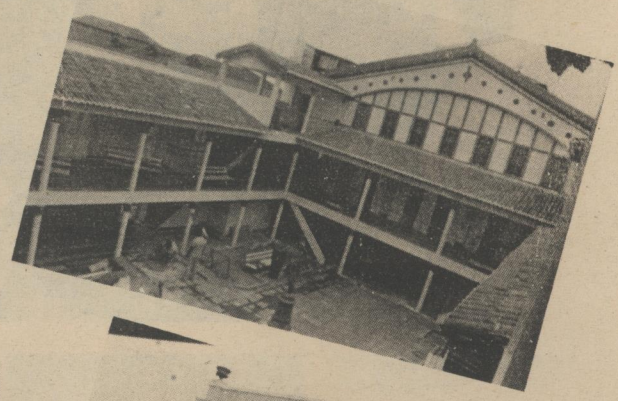
Teatro Alberto Maranhão



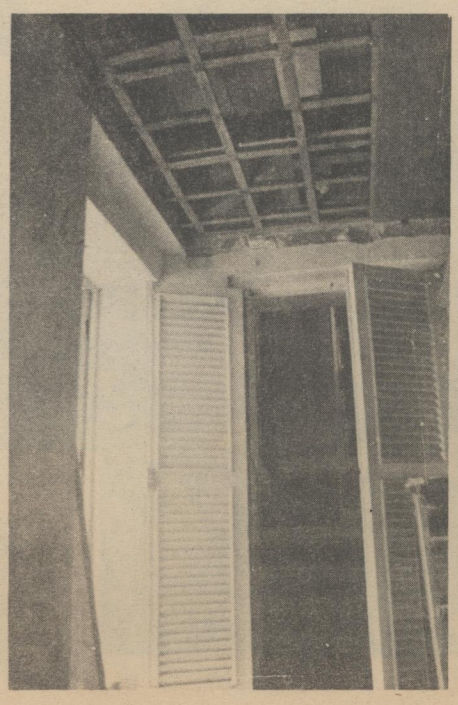
Paulo Heider Feijó

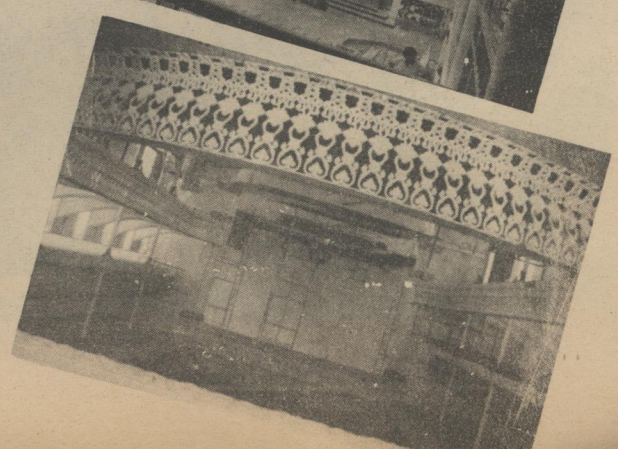
O Teatro Alberto Maranhão há algum tempo não tem merecido a devida atenção no que tange à manutenção de suas instalações físicas, exceto por haver recebido pinturas periódicas. A questão veio à tona quando trecho da cobertura da ala lateral direita do pátio interno deu sinal de que iria ruir. A Fundação José Augusto como atual responsável pelo teatro — monumento tombado a nível estadual — prontamente fez a recuperação da tal cobertura através de seus técnicos especializados que acharam por bem propor uma vistoria geral em todo o edifício. Realizada a vistoria, constatando-se o estado precário em que se encontrava o mesmo, com madeiramento da cobertura necessitando substituição de algumas peças; o sistema hidrosanitário com vazamento; as instalações elétricas com fios descascados e ligações improvisadas, contando também com uma obsoleta e perigosa cabine de luz que implicavam em risco constante e iminente de incêndio para o teatro. Após tal vistoria, optou-se pelo seu fechamento ao público e o imediato início das obras objetivando dar segurança ao público como também a mais importante casa de espetáculos de Natal.





O Teatro fechado era uma oportunidade ímpar de se implementar uma restauração mais ampla a exemplo do que se fez com o Teatro Municipal de São Paulo, o Teatro José de Alencar em Fortaleza, o Teatro Amazonas em Manaus, e outros. Porém a falta de recursos disponíveis impossibilitou tal intento. Enquanto os serviços se avolumavam, os recursos eram perseguidos e negociados. Um convênio com a Fundação Banco do Brasil foi viabilizado enquanto se dava prosseguimento na busca de novos recursos para fazerem face às despesas previstas e ao andamento das obras, já iniciadas com recursos da própria Fundação José Augusto.





À medida em que eram executados alguns serviços outros iam aparecendo, como aliás é normal nesse tipo de intervenção onde não há um projeto global de Restauração e sim serviços necessários à adequação do Teatro Alberto Maranhão de condições de funcionamento. Para tanto, se esteve atento e vigilante no sentido de que as alterações ali ocorridas não descaracterizassem a feição do teatro, mas, na medida do possível, evidenciassem elementos característicos de sua fábrica original.

Paulo Helder Forte Feijó (RN), arquiteto.
Trabalha no setor de Arquitetura da
Fundacão José Augusto.

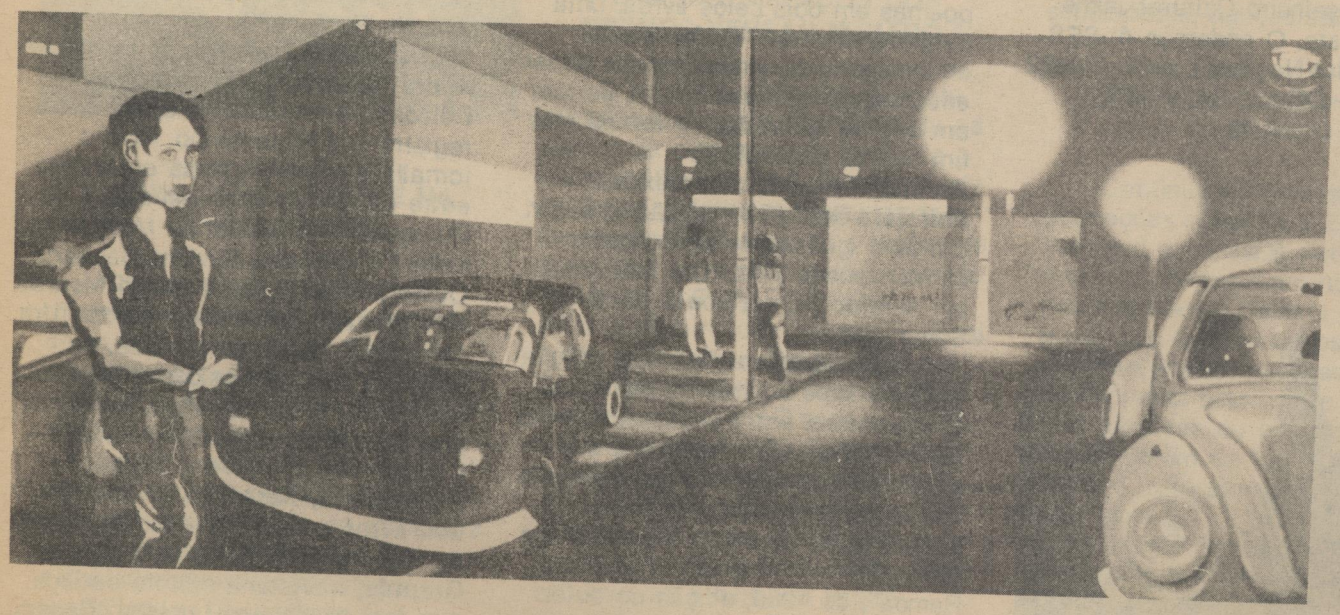
Humanóides

Takes, fragmentos de possibilidades noturnas, apaticidade ou insistentes olhares. Às vezes denunciam, outras vezes em forma de imãs. Olhares que são verdadeiras chamadas em comunhão com verdadeiros banhos de luz de cor. Seria possivelmente os primeiros aspectos que chamariam a atenção do expectador. Estas referências são feitas a uma série que apresentarei comemorativamente, intitulada de "Os Humanóides". Esta pesquisa vem sendo construida desde 1987. Um outro aspecto que poderá ser observado na mostra é a passagem pelo questionamento dos três poderes regentes da terra uma espécie de "trípico social", tais obras se intitulam "os polítcos, as igrejas e os militares", tal série abre a possibilidade de universalizar a pesquisa.

Marcelus Bob

Marcelus é a URBIS. A cidade e seus personagens. A cidade como personagem. Seus quadros habitam na cidade que habita nos seus quadros. Lixo e luxo. Cena de cinema. Noite. Fragmentação. Ambigüidade. Humanóide verde e céu lilás. Porque é pintura que ele faz. É a auto-estrada que passa rasgando cores, manchas. Quadros de estradas. Quadros em movimento. Quadros como quadris em movimento. Movimento e som. A pintura de Marcelus tem som. É rock'n'roll. Sex, drugs & rock'n'roll. Políticos, igreja & militares. Humanóides suspeitos. E eu sou suspeito pra falar. Marcelus é suspeito pra pintar. Seus quadros são suspeitos. Suas exposições são suspeitas. Seu público é suspeito.

Carito



Comemorando os seus 10 anos de pintura Marcelus Bob expõe "Os Humanóides", em Natal, no mês de agosto.

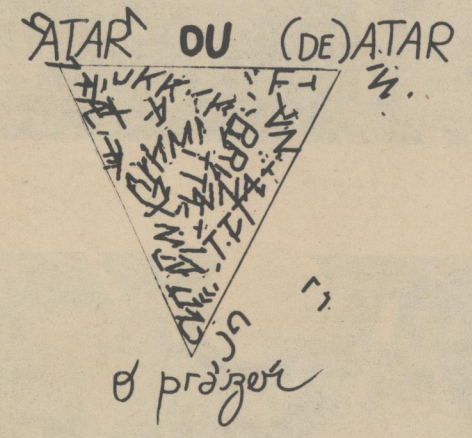
O GALO CONTA

JOÃO GUALBERTO E DAILOR VARELA: POETAS.

Dailor lança **TRAVESSIA,** Gualberto lança NUVEMPOEMA. Ambos editados e distribuídos pela Fundação José Augusto. Uma prova que a sensibilidade e o talento desses poetas não foram esquecidos pelo que se costuma chamar de "cultura oficial" (que expressão mais feia!).

Dailor e Gualberto dois expoentes da poesia mimeógrafo, processo, etc, no RN. Voltemos nossos olhos para a poesia de ambos. A alma e o coração agradecem.

Os interessados em adquirir ambas publicações devem escrever para o Núcleo de literatura da Fundação José Augusto, rua Jundiaí, 641 — Tirol, 59020. Natal — RN.

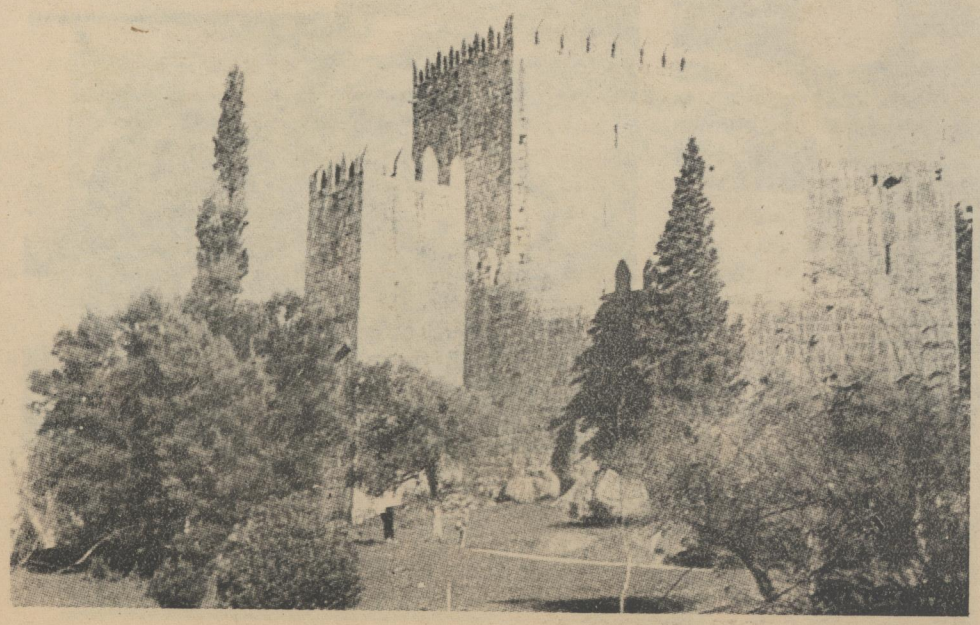


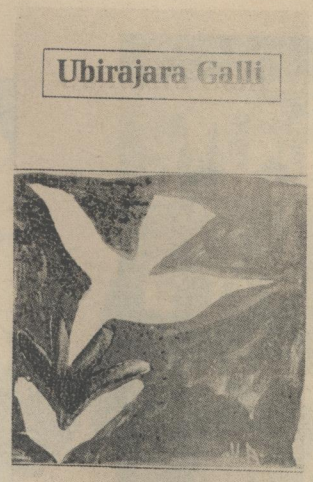
PRESENÇA DE PORTUGAL NO BRASIL

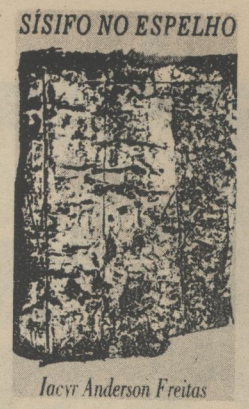
A Embaixada de Portugal, em Brasília e a Comissão Organizadora das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas estão promovendo o Concurso Fotográfico **PRESENÇA DE PORTUGAL.**

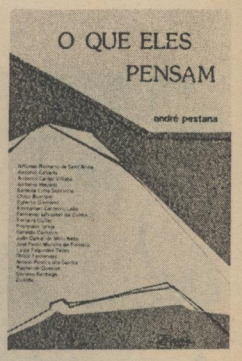
O tema é livre e as fotografias, em cores, devem ter o formato de 20x25 centímetros, sem margem e sem montagem. Cada fotografia deverá ser acompanhada de um curto texto que identifique a relação tema/foto e a indicação do dia, hora e local em que a fotografia foi tirada. Os fotógrafos poderão concorrer com um máximo de cinco fotografias.

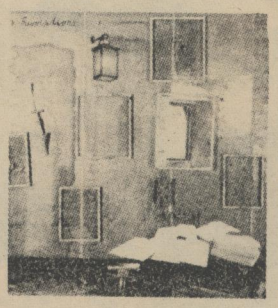
As inscrições serão encerradas no dia 1° de outubro. Maiores informações poderão ser obtidas na Embaixada de Portugal, em Brasília, com o Conselheiro Cultural Jaime Raposo Costa. O endereço é: SES — Avenida das Nações, Lote 2—70402 — Brasília — DF.

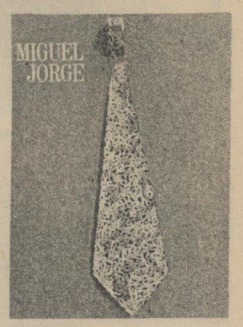




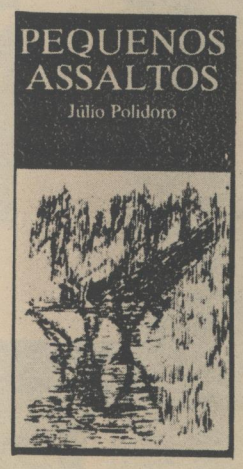


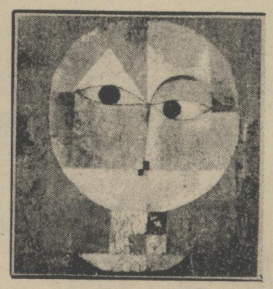


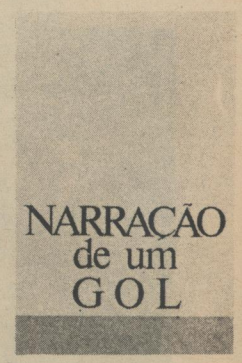




PROFUGUS







LIVROS QUE A GRANDE IMPRENSA ESQUECE OU DESCONHECE

Chegaram devidamente autografados na redação de O Galo e merecem destaque:

1. **Nativa Idade e O Lobo e o Pastor,** ambos do excelente poeta **Sérgio Campos** (RJ), editados pela **MUNDO MANUAL,** uma editora de poetas trazendo poesia para um mundo áspero e desromantizado. Belos poemas em dois belos livros. Uma pequena mostra: "Então o amor encomendou as sedas/ por não poder encomendar as velas/ e fez do mar um céu de labaredas/ e fez do mar um céu de caravelas".

2. **Amor Inverso,** do apaixonado **Ubirajara Galli** (GO), edição do autor. Um livro igualmente apaixonado, como o poeta Bira. "Um livro para ser sentido", diz a poeta Yêda Schamaltz.

Aqui, Ubirajara Galli fala do que mais se sabe no mundo: do Amor. Entre coisas, entre pessoas. Poemas curtos e imensos. "Nada é o que agora/me habita;/ e o que finge não me ocupar/engasga".

3. **Profugus,** do poeta **Miguel Jorge** (GO), Prêmio "Hugo de Carvalho Ramos", de 1989, edição do autor.

Com a palavra Carlos Nejar: "Miguel Jorge é um poeta que deixa suas palavras pegarem os contornos da Mídia, a relutância de sermos nós mesmos. Às vezes, a armadura de nossa combalida humanidade".

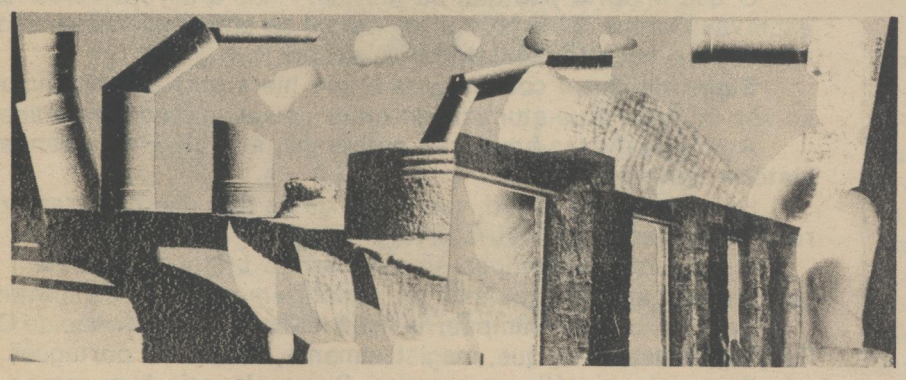
4. **Sísifo no Espelho,** do poeta **Iacyr Anderson de Freitas** (MG) e **Pequenos Assaltos** do poeta **Júlio Polidoro** (MG), ambos editados pela edições D'Lira, de Minas Gerais. Poesia forte, concisa. A dor na poesia de ambos não é mais pretexto para se fazer poesia.

Pedidos e correspondências para Rua Osório de Almeida, 915 Casa 2, Bairro Poço Rico, 36020 — Juiz de Fora — MG.

5. **O Que Eles Pensam,** do jornalista **André Pestana** (RJ), editado pela Edições Tagore. Um livro que é um registro, um testemunho. Aqui o jornalista André Pestana entrevista entre outros, Antonio Houaiss, Chico Buarque, João Cabral de Melo Neto, Millôr Fernandes e Silviano Santiago. Outro jornalista, Geneton de Moares Neto, é quem apresenta e afirma: "Um documento sobre as dúvidas, as certezas e as perplexidades de quem se dedica, nesta república, faméliz e ensolarada, à tarefa da Criação".

6. **Legendas para Cem Fotos Imaginárias, Narração de Um Gol,** dois livros em um, do poeta **Bernardo de Mendonça** (RJ), editado pela **Graphia,** novíssima editora carioca, que tem na cabeça **Luciana Viegas.** Poesia que corta, reinventa, coisas do sublime e do cotidiano.

O endereço da **Graphia Editorial** é: Caixa Postal, 33166, — Cep 22442.



SALÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA DO RIO GRANDE DO NORTE

De 17 a 26 de agosto será realizado em Natal, no Novotel Ladeira do Sol, o **I Salão de Arte Fotográfica do RN.** O Salão tem o objetivo de estimular o mercado e a atividade fotográfica no Rio Grande do Norte.

Caçador de Imagens, assim se intitula o Salão que tem tema livre, aceitando que seus participantes se inscrevessem em duas categorias: Cor/Pb (preto e branco) e Alternativa (pintura, montagens, colagens, etc).

O I Salão de Arte Fotográfica do RN foi idealizado e sonhado por José Godeiro Jr., o assessor de fotografia do jornal O GALO, falecido em março de 89. A promoção e execução é da Raia Foton Art. Gente que aposta na sensibilidade, apesar de tudo. Godeiro, sentimos saudades...

OSWALD DE ANDRADE NA OSWALDO LIMA

Oswald de Andrade estará presente de 16 a 30 de novembro deste ano da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima. A façanha deve-se ao poeta Arthur Gomes que reviverá, homenageará o antropofágico Oswald através de um projeto, coordenado por ele, onde está previsto a leitura do manifesto Pau Brasil, com posteriores discussões sobre antropofagia, brasilidade e tropicalismo.

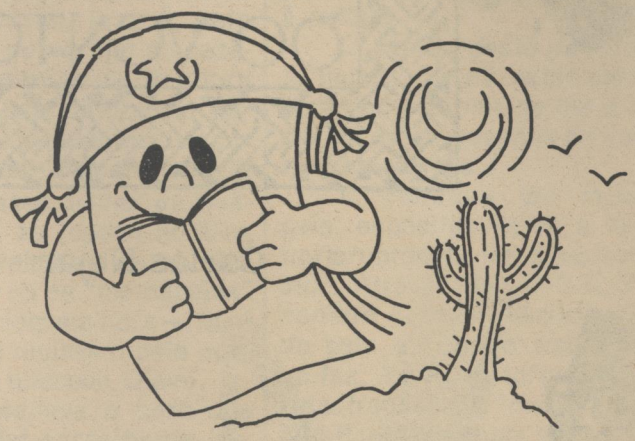
O Teatro e a Poesia de Oswald serão lembrados com mostras, debates, palestras, encenações, recitais.

As mostras contarão com o apoio da Oficina Cultural Oswald de Andrade, de São Paulo.

O ABISMADO JOMARD EM TEMPOS E ESPAÇOS DOS ABISMOS VERSÃO NÚMERO 3

O bruxo, o guerreiro, o poeta, o professor, aquele que "levanta as pedras do calçamento" (segundo o escritor Nilo Pereira), Jomard Muniz de Britto, retorna mais abismado e impetuoso do que nunca e realiza de 6 a 20 de novembro a III Exposição TEMPOS E ESPAÇOS DOS ABISMOS, em João Pessoa. O local é dos melhores, o Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba. O endereço é Rua das Trincheiras, 275, Centro.

Os performáticos e os convencionais, os formais e os formalistas, conceituais e diletantistas serão bem vindos. Não sabemos se a lambada estará presente, preconceituosamente (que palavra enorme!) esperamos que **NÃO.** Na abertura e no encerramento performances intersemióticas surgirão. Coisas do Jomard, Esse "homem despido de princípios sagrados", palavras do Glauber **Rocha, outro louco necessário.**



SEMANA DO AUTOR NORDESTINO NO 20º ANIVERSÁRIO DA LIVRO 7

II SEMANA DO AUTOR NORDESTINO/20 ANOS DA LIVRO 7

Comemorando os seus 20 anos de existência, a livraria **Livro 7,** que fica coincidentemente na rua 7 de Setembro, no Centro do Recife, promoveu este ano a II Semana do Autor Nordestino. Sem dúvida um grande acontecimento que reuniu escritores e poetas de todos os lugares do Nordeste. A Fundação José Augusto e a Editora Clima marcaram presença com uma grande banca de autores potiguares. Mais uma vez o proprietário da **LIVRO 7, Tarcísio Pereira,** um natalense que orgulha Natal, demonstra sua sensibilidade aguçadíssima para as coisas da literatura e da arte. Não é à toa que diariamente mais de 5 mil pessoas "trafegam" pela livraria, por entre inúmeras estantes, e são vendidos cerca de 1.800 livros.

A **Livro 7** está quase maior de idade e já é a maior livraria do Brasil. Segundo o próprio Tarcísio ela vai crescer ainda muito mais. Oxalá se torna a maior da América Latina! Os que escrevem as coisas lidas e os que lêem essas coisas agradecem. De coração.

Parabéns, Livro 7. Parabéns, Tarcísio Pereira.

PRÊMIOS CAMILO CASTELO BRANCO

Continuando com suas promoções culturais, a Embaixada de Portugal, em Brasília, juntamente com TAP-AIR Portugal promovem os prêmios Camilo Castelo Branco com o objetivo de premiar os autores de artigos e ensaios publicados em 1990, na imprensa brasileira e luso-brasileira ou editados no Brasil e que tratem de temas ligados à História, Literatura e Cultura Portuguesa.

Estes Prêmios fazem parte do programa das Comemorações do Centenário da morte do escritor Camilo Castelo Branco. Autores, jornais, revistas e editores poderão concorrer com um ou mais trabalhos.

Os artigos ou ensaios concorrentes poderão ser enviados para a Embaixada de Portugal, em Brasília, com o nome, endereço e **telefone do autor.**

ANTOLOGIA DE NOVOS

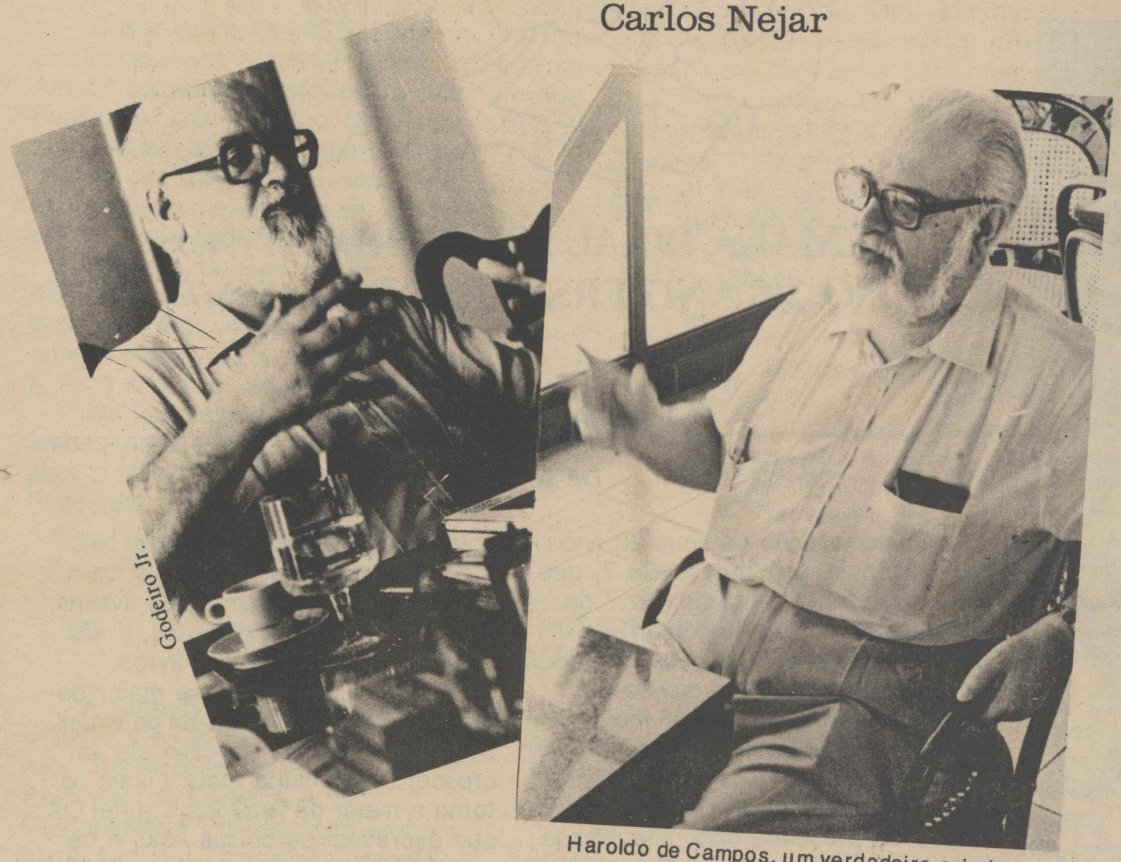
Uma Antologia de poetas novos! Certamente uma coisa perigosa. Por que não correr o risco?

A Fundação José Augusto lançará uma antologia de poetas novos (ou novos poetas?) do Rio Grande do Norte ainda este ano. Para os não adeptos e céticos da antologia pode ser um desastre, para os que precisam e querem uma oportunidade para mostrar seus versos é uma boa hora de desengavetar e expô-los ao público leitor. O que for bom se aprimora. Lapida-se. Caso contrário...

Sem dúvida uma iniciativa válida do Núcleo de Literatura da Fundação José Augusto.

CADERNO DO VENTO

Carlos Nejar



Godeiro Jr.

Haroldo de Campos, um verdadeiro criador

Signantia quasi coelum, de Haroldo de Campos

Haroldo de Campos, em **Signantia quasi coelum** (1979), revela seu retorno ao verso. E continua a metáfora a florescer. A velha e tão contemporânea metáfora, desde antes dos "róseos dedos da Aurora", de Homero.

Aqui, as palavras não se fecham, silabicamente, na página, sem a inter-relação entre elas. Há o choque dos vocábulos, a junção que os faz viver.

Nem tampouco são "objetos na página branca". Mas seres-palavras, tomando cidadanias de espaço e tempo.

Neste livro, Haroldo de Campos joga seus dados e signos, sobre o universo intenso e denso, com forte tessitura visual. Como se lidasse com um volume de gravuras-versos.

Recordo-me do aforismo de René Char: "O fruto é cego.
É a árvore que vê." (Trad. de Eládio Barbosa, **Feuillets d'Hypnos**).

O poema vê, o tempo nos vê, O livro é uma árvore de folhas que vêem.

"Pensar começa com o ver; mas não necessariamente com os olhos, mas com algumas formulações da percepção dos sentidos" (Suzanne Langer).

Pound, Cummings, Mallarmé habitam, misteriosamente, na intertextualidade, espécie de orientação estelar, constelação da Ursa-Maior, Andrômeda e as do silêncio.

É o verso ainda, instrumento de poesia. Com o nome que se quiser. "Ninguém pôde passar-lhe atestado de óbito", ponderou, certa vez, Euryalo Canabrava, cuja visão abrangente e lúcida, está a fazer falta na crítica brasileira.

O que importa não são as teorias, "mas a árvore verde da vida", escreveu Goethe. E como o signo verbal se entremeia de sentidos, mitos, pelo poder encantatório do artista.

Signantia quasi coelum gera a sua hierarquia de evidências, que se vão inventando e atomizando entre coisas que adquirem liberdade.

A poesia é essa aquisição autônoma, atonal. E simultaneamente, história da linguagem.

Há uma radicalização, que não foge da raiz das palavras, integra, reincorpora-se à geometria viva.

Os valores semânticos se associam à crispação íntima, revolvem-se entre os raios de um metalirismo velado de subintenções.

Aqui, Haroldo de Campos, na lição mallarmeana, é irmão de Octavio Paz, de **Transblanco**, que, magistralmente, verteu ao português.

Como ele, sintético e barroco. Como ele, cria "um campo magnético" para o verso, tecido entre contra-pontos, lumes, diagramas.

Cito alguns fragmentos belíssimos, que mais me impressionaram:

"o átimo das coisas um sol
se ensolara no sol
como a luz na lente" (pág. 29).

***

"a umbela
arfante e soa
teofonia de signos limalha de cristal vibrada" (pág.30).

***

"gomos
do grande copo de som:
consopros
do respiro total
assim me
assino" (pág. 32).

***

"a sombra fóssil de
um peixe
escava aqui
a pedra
buril de quantos
mil
anos?" (pág. 34).

***

"O instante é pluma" (pág. 55).

***

Esta invenção: "o girassol pensa:
leopázios!" (53)

"onde perceber
no gorjeio do pássaro
o ar que fala" (pág. 54).

"Celacantos provocam maremotos" (pág. 62)

"bafo de
sem-narinas

toca o
fundo" (pág. 92).

"O cão
do gatilho solar" (pág. 108).

Citei esses versos, que li, com emoção. E o reconhecimento devido a um poeta-inventor.

Acima de todas as controvérsias e questões, paira a Poesia. Além das gerações, permanecem os verdadeiros criadores. Assim devem ser julgados.

CARTAS

RESISTÊNCIA

Acusamos e agradecemos o recebimento do exemplar do jornal "O GALO", ano III, número 25/26, de março/abril de 1990, enviado para a redação de nosso jornal.

Mensal, semestral (como coincidentemente passa também a ser a periodicidade de **Nicolau**), trimestral ou o que seja, importante é a nossa resistência nesses bicudos tempos colloridos em que a cultura virou reles ornamento.

Força, fé, axé pra toda equipe!

Wilson Bueno
Editor do Jornal Nicolau
Curitiba — Paraná

OSWALD DE ANDRADE I

Diante de mim está o esplêndido número de O GALO dedicado a Oswald de Andrade. Não sei como vocês, aí tão longe, conseguem tão bom material, como se se encontrassem no Rio ou em São Paulo.

Parabéns pelo número e por todas as demais edições que têm tido a bondade de me enviar.

O GALO é, de fato, um jornal literário que nada fica a dever aos melhores do país, quando não os ultrapassa.

Evaristo de Moraes Filho
Escritor
Rio de Janeiro — RJ

ECOARTE

Nosso abraço pela beleza dessa publicação abrindo nesse Brasil invadido de cifrões clareiras luminosas para a literatura. Gostaríamos de receber regularmente a edição de O GALO. Constituimos aqui no sul do Brasil, um grupo preocupado com o rosto cultural do Brasil. Representamos um Centro de Artes ligado à Universidade e que, com humildade e paixão, vem editando um jornal ECOARTE. É a divulgação de todo um projeto que costura a Arte e a Ciência tentando salvar identidades comprometidas: cenários naturais, construídos (cidades) e as complexas relações atrás deles. Uma ampla ecologia, escapando dos modismos. O projeto, como jornal, se chama também Ecoarte. Entregamos a vocês um número dele com as contribuições dos artistas e cientistas da terra e esperamos manter, a partir de agora, um intercâmbio com vocês recebendo, curtindo, debatendo e multiplicando o canto desse Galo nordestino rico de matizes e canções contemporâneas.

Nosso endereço: Elvira de Macedo Nascimento — Rua Tupy Silveira, 2099 — Universidade da Região da Campanha — Bagé — Rio Grande do Sul — Cep 96400 (mande vários exemplares para distribuirmos pelos setores da Universidade, por favor)

Antecipadamente agradecida por sua resposta positiva entrego ao Rio Grande do Norte os cumprimentos do Rio Grande do Sul por ter, com tanto talento, nos servido essa poética refeição.

Elvira Nascimento
Editora e Coordenadora do Jornal
e Projeto ECOARTE
Bagé — RS

PROJETOS RESPEITÁVEIS

Escrevo com vermelho, a cor da emoção e do sangue, nossos últimos legados. Recebi o lote de jornais "Galo" 25/26. O que me instiga nesse "O Galo" é seu caráter de resistência, a primazia da poesia e seus derivados...

Contudo ainda é pouco, quase nada, malgrado não haver nada mais bonito no lugar: Que esse imenso país só tenha "O Galo" e "Nicolau" de projetos jornalístico-literários respeitáveis. Um milagre que poderia muito bem ter outras edições.

Aguardo com ansiedade a próxima edição e ponho-me em armas para fazer sua defesa.

Erorci Santana
Poeta
Editor da Revista Artaud Art
São Paulo — SP

OSWALD DE ANDRADE II

Recebi o novo número d'O GALO, este dedicado ao poeta ("palhaço da burguesia", como ele próprio, ironicamente, se intitulou) et **causeur** Oswald de Andrade. Boa palavra e boa homenagem ao poeta ex-marginal, que quase foi triturado pelo sistema, esquartejado pelas falsas consciências, isto é, pelo modelo mental, pervertido e acadêmico, dos professores de literatura tupiniquim, os bate-entope do nadismo, os teóricos babões, encomiásticos e caretológicos. Oswald e Mário, duas faces, talvez, da mesma moeda que, se jogada ao alto, cairia indiscutivelmente de pé. Mas os medalhões — ou os "merdalhões" e gagadêmicos daquela hora —, queriam, urravam e ululavam pelo coelhonetismo e o bilacudo Olavo.

Oswald desafiava o coro dos tenentes. Oswald escrachante, esculhambador & esparrento (mas esta fama e imagem pega mal, e é uma das formas da burguesia, que não é boba, sabotá-lo e riscá-lo do mapa), e o Mário equilibrado, comedido e temperado pelo cravo de Bach. Coisas nossas. Coisas tão nossas. Oswald mais poeta — Mário mais erudito, sabendo um alemão empurrado, musicólogo, crítico das quatro artes e de quatro costados, e já por dentro dos movimentos e revoluções modernistas, leitor de Jorge Luis Borges, pelo menos, desde 1929: sempre up-to-date...

Oswald papeando e papando as moças lindas da época, e o Mário contando pés de sílabas sem se ligar nos pés das Pagus pagãs... meio zoilo... mas, enfim, tanto um quanto outro, são hoje em dia autores clássicos de nossas letras, sumidades imitadas até, figuras já consagradas e entronizadas pelo pubo gosto crítico dos sisudos compêndios de historiografia literária. Em todos os tempos pululam os chatos-boys, né?

Marcos de Farias Costa
Poeta
Maceió — Alagoas

CONQUISTA EDITORIAL

Agradeço pelo envio do exemplar nº 25/26 de "O GALO", bem como pela publicação de meus poemas no referido número. Não posso deixar de ressaltar a belíssima concepção gráfica do jornal, bem como a qualidade do material nele publicado. As ilustrações ficaram ótimas, destacando-se a excelência do trabalho fotográfico de Alípio Raposo. Em suma, parabéns por mais esta bela conquista editorial.

Iacyr Anderson Freitas
Poeta
Juiz de Fora — MG

SOMBRIOS TEMPOS

Dentro deste processo de deterioração da cultura, onde se encontra o país, é animador e deveras incentivador, iniciativas como a deste jornal. É de suma importância que do Oiapoque ao Chuí iniciativas culturais resistam a esse esfriamento desinteressado com relação à cultura.

O caráter deste país continente jamais poderá estar definido se urgentemente não se der a atenção devida às expressões da cultura de nossas regiões..

A literatura tão farta deste país, especificamente a da região norte/nordeste me é pouco conhecida. Através de "O GALO" tomei contato com um pequeno exemplo do belo e criativo trabalho que aí se faz. Às vezes torna-se necessário ultrapassar o "muro" do eixo Rio São Paulo que isola sul e norte deste país.

Findo esta, torcendo pela continuidade deste trabalho em tão sombrios tempos e desejando ainda sucessos mil à equipe.

Renato Bertão
Campo Largo — PR

OSWALD DE ANDRADE III

Antes de viajar para Cuiabá onde fui honrado com o título de patrono da II Arte da Terra no projeto "Vida de Cocho", da jornalista Maria Thereza Olinda, vi que não tinha recebido O GALO em 1990. A preocupação ficou latente por instantes e, eis que, ao voltar encontro a grandeza de O GALO na homenagem a Oswald de Andrade. Um ensaio de corpo inteiro dessa figura marcada e marcante da literatura brasileira. Valeu a edição nº 23/24. É a publicação das mais significativas nos últimos anos e espero que o seja nos anos 90 a receber a consagração que tanto merece. Sou leitor ávido de suas páginas e a preocupação de lê-la ao alcance mês a mês torna encontro obrigatório para dar conta de sua grandeza.

Abração e salve O GALO.

Henrique L. Alves
Presidente da Associação Paulista
de Críticos de Arte
São Paulo — SP

EVOLUÇÃO

Parabéns pelo aniversário do "GALO", o qual venho recebendo regularmente. Ele está cada dia melhor. Agradeço, pois, a remessa e a alegria de acompanhar sua evolução como jornal, como divulgador da poesia.

Neide Archanjo
Poeta
Rio de Janeiro — RJ

SÉRGIO BELLO.
PARIS 1989.